



Ellen G. White

e o Espírito de Profecia

06

QUEM FOI
ELLEN G. WHITE?
Descubra por si.

21

O CRISTÃO E O
MUNDO *ONLINE*
Desafios espirituais.

27

ELLEN G. WHITE ENQUANTO
EVANGELISTA EXEMPLAR
Ellen G. White e a Missão.



PUBLICADORA SERVIR
NOVEMBRO 2018
N. 858 | ANO 78 | €1,90

3^o Discípulo

Vem e Segue-me

"Eis que cedo venho." A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **António Amorim**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL revista.adventista@pservir.pt

COLABORADORES DE REDAÇÃO **Manuel Ferro**

DESIGN GRÁFICO **Rita Mendes Sadio**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **PUBLICADORA SerVir, S. A.**

DIRETOR-GERAL **Artur Guimarães**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almagem do Bispo | 21 962 62 00**

CONTROLO DE ASSINANTES **Paulo Santos**
assinaturas@pservir.pt | **21 962 62 19**

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
MDI – Design e Impressão, V. N. Famalicão

TIRAGEM **1500 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

PREÇO NÚMERO AVULSO **1,90€**

ASSINATURA ANUAL **19,00€**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NO E. R. C.
DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

novembro

D	S	T	Q	Q	S	S
28	29	30	31	F	2	3
4	5	6	[7]	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	[19]	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	1

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

3 E 4 MASTER GUIDE JA

**3-10 SEMANA DE ORAÇÃO
E SACRIFÍCIO**

**10 ENCONTRO DE
COORDENADORES APJA**

11 E 12 CONSELHO DE FIM DE ANO

**16 E 17 JORNADAS COM A DIRETORA
DOS MINISTÉRIOS DA CRIANÇA
DA CONFERÊNCIA GERAL**

**17 E 18 ESCOLA DE FORMAÇÃO JA
(NÍVEL II REGIONAL)**

18-20 CONVENÇÃO PASTORAL

24 ROIG ALENTEJO E ALGARVE

25 ROIG LISBOA

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

5-9 SEMANA DE ORAÇÃO

**12-16 EDITORIAL
SAFELIZ (EUD)**

**19-23 ASSOCIAÇÃO
DA SUÍÇA ALEMÃ (SU)**

**26-30 ASSOCIAÇÃO DO SUL
DA FRANÇA (FBU)**

[FH] FÉ DOS HOMENS

[7] QUARTA-FEIRA

[19] SEGUNDA-FEIRA

dezembro

D	S	T	Q	Q	S	S
25	26	27	28	29	30	1
[2]	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	[17]	18	19	[20]	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31	1	2	3	4	5

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

**1 DIA DA MORDOMIA
E ROIG CENTRO E ILHAS**

7 ROIG NORTE

**7-9 ENCONTRO DE
PROFISSIONAIS DE SAÚDE**

8 CONCERTO ALIANÇA

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

**3-7 UNIÃO DO NORTE
DA ALEMANHA (NGU)**

**10-14 ASSOCIAÇÃO
DO BANAT (RU)**

**17-21 UNIÃO DO SUL
DA ALEMANHA (SGU)**

**24-28 DIVISÃO
INTER-EUROPEIA (EUD)**

[FH] FÉ DOS HOMENS

[17] SEGUNDA-FEIRA

[20] QUINTA-FEIRA

[C] CAMINHOS

[2] DOMINGO

[FH] RTP2 ENTRE AS 15:00 E AS 15:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 22:47

[C] RTP2 ENTRE AS 10:00 E AS 10:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 06:00

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA RTP2 SEM AVISO PRÉVIO.

Índice

04

EDITORIAL

A Mensageira do Senhor
e o Evangelismo Pessoal

05

PÁGINA DO LEITOR

37

DEPARTAMENTOS
SERVIÇOS
INSTITUIÇÕES

Colégio Adventista
de Setúbal
*Saiba mais sobre este
Colégio Adventista e
acerca dos seus projetos.*

40

TESTEMUNHO

A mão de Deus
*“Temos sentido sempre a mão
de Deus na nossa vida.”*

41

ESPAÇO JUVENIL

Samuel, o pequeno profeta

44

Notícias nacionais
e internacionais



DESCOBRIR

06

Quem foi Ellen G. White?

*A autora americana mais
traduzida de todos os tempos.*

10

**O que é “o Espírito
de Profecia”?**

*O que quer João dizer com
a expressão “espírito de
profecia”, que ocorre apenas
uma vez nas Escrituras?*

13

**Os quatro Impérios
de Daniel 7** [Parte 4]

*Está Roma presente
na profecia de Daniel 7?*

DESENVOLVER

21

O Cristão e o mundo online

*Alguns aspetos do universo online
para não sermos apanhados em
armadilhas morais e espirituais.*

DAR

27

**Ellen G. White enquanto
evangelista exemplar**

*Como falou Ellen G. White
às pessoas sobre Jesus?*

32

**Trabalho evangelístico
para os membros da Igreja**

*Temos uma mensagem do Senhor
para levar ao mundo.*



EDITORIAL

Pr. António Amorim

Presidente da UPASD

A Mensageira do Senhor e o Evangelismo Pessoal

Deus concedeu à Igreja Adventista do Sétimo Dia o privilégio especial de receber o “Dom de Profecia”. Todas as Escrituras Sagradas são o resultado do “Espírito de Profecia”, mas este dom não se limita apenas à revelação da Bíblia. O Deus Vivo continua a comunicar-Se com o Seu povo (II Ped. 1:20 e 21). Ellen G. White recebeu o “Dom de Profecia”, para ser um canal de transmissão da mensagem de Deus para a Sua Igreja (I Cor. 14:1; Rom. 12:6).

Além de escritora e pregadora, Ellen G. White foi também uma missionária, o que demonstrou mediante as suas viagens pela América, pela Europa e pela Austrália, mas também pelo testemunho pessoal. Nas suas palavras inspiradas, a principal função tanto do Pastor como do membro de Igreja é a de estar envolvido no testemunho pessoal. A Igreja Adventista em Portugal, fiel a esse princípio, procura motivar e criar oportunidades para que os discípulos de Cristo se envolvam no evangelismo pessoal, aplicando o “Método de Cristo” através de três instrumentos:

– **Participação ativa num Pequeno Grupo.** Os Pequenos Grupos são instrumentos do Discipulado tridimensional, ou seja, são meios para aprofundar a comunhão com Deus, o relacionamento fraterno e o envolvimento na missão dada por Jesus. Depois da Campanha Nacional de Evangelismo deste ano, que foi direcionada para Pequenos Grupos, procure ou continue a manter-se numa destas células de igreja.

– **Envolvimento no evangelismo pessoal.** Cada membro é um discípulo de Jesus Cristo que recebeu a missão de “Fazer discípulos” (Mat. 28:19). Já imaginou o que sucederia à Igreja do Senhor, se cada membro estivesse envolvido nesta missão? Este é o resultado do reavivamento que Deus quer operar pela ação do Seu Espírito. Descubra qual o Ministério que se aplica mais aos seus dons espirituais e aos seus talentos. Organize o seu ministério pessoal para conduzir a Jesus um familiar, um amigo, um vizinho ou um desconhecido. Faça planos para agora e para o próximo ano.

– **Partilha do Livro Missionário por excelência.** A Bíblia será o Livro Missionário para 2019, a “Palavra de Esperança” de que o mundo tanto precisa. Esta Bíblia, alusiva ao bicentenário da primeira Bíblia em português num volume único, terá sombreadas promessas de Deus e um convite ao seu estudo. Preencha a sua folha de compromisso com ambição (até 10 de novembro), pensando em oferecer a Bíblia a todos os seus conhecidos, e aos desconhecidos que o Senhor trará até si. Que tal fazer um projeto pessoal de distribuir uma Bíblia por semana, durante dozes meses, em oração, para conduzir pelo menos uma pessoa a Jesus?

Apraz-nos o coração e fortalece-nos saber que estes são projetos com o carimbo da aprovação e do poder divinos expressos pelo “Espírito de Profecia”.

“Palavras de Esperança”

[ESCOLHIDO POR] **António Moita**
MEMBRO DA IASD DE BRAGA

100 palavras são poucas para exprimir as nossas fraquezas e dificuldades, mas imensamente muito poucas para escrever acerca das misericórdias de DEUS; no entanto, aqui fica um pouco das duas. A vida é penosa, mas somos mais preciosos aos Seus olhos do que o ouro puro de Ofir. O mundo leva-nos a cair, mas, queridos, “em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados. Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos. (...) Por isso não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas”. II Coríntios 4:8 e 9, 16-18. DEUS seja com todos vós!

[ESCOLHIDO POR] **António Amorim**
PRESIDENTE DA UPASD

“Clamou este pobre, e o Senhor o ouviu, e o salvou de todas as suas angústias. O anjo do Senhor acampou-se ao redor dos que o temem e os livra. Provai e vede que o Senhor é bom; bem-aventurado o homem que nele confia.” Salmo 34:6-8.

[ESCOLHIDO POR] **Daniel Bastos**
PASTOR DA IASD DE ALMADA

“Que diremos, pois, a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?” Romanos 8:31.

Esta página é sua, para que possa partilhar as suas observações. Escreva uma mensagem (com o máximo de 100 palavras) e dê-nos a sua opinião sobre os artigos publicados e sobre a sua Revista Adventista.

QUEM FOI ELLEN G. WHITE?



James R. Nix

Teólogo

Retirado da revista Adventist World de janeiro de 2009.

Considera-se que Ellen G. White é a autora americana mais traduzida de todos os tempos. O seu livro *Aos Pés de Cristo* foi traduzido em mais de 160 línguas e outros 13 livros seus foram traduzidos em mais de 25 línguas. Os seus escritos têm moldado os leitores Adventistas e muitos outros que não o são.

Ellen G. White nasceu em 26 de novembro de 1827, em Gorham, Maine, no Nordeste dos Estados Unidos da América. Ela e a sua irmã gêmea, Elizabeth, eram as mais novas entre os oito filhos de Robert e Eunice Harmon, membros da Igreja Metodista. Em 1842, ela foi batizada e uniu-se à igreja que os seus pais frequentavam em Portland, Maine, para onde a família se tinha mudado. Em Portland, a família frequentou as reuniões realizadas por William Miller, um pregador leigo Batista que concluíra que a profecia bíblica indicava que Cristo vol-

Considera-se que Ellen G. White é a autora americana mais traduzida de todos os tempos.

taria à Terra por volta de 1843 (mais tarde a data foi revista para 1844).

Os Harmon tornaram-se “Milleritas”, o que levou a que fossem expulsos da Igreja Metodista em 1843. A jovem Ellen sentia sobre si o fardo do dever de ajudar outros a encontrarem Jesus. Ela esperava que Ele voltasse em 22 de outubro de 1844, a data que, segundo os Milleritas, assinalava o fim da profecia das 2300 tardes e manhãs de Daniel 8:14. Quando Cristo não voltou, os Milleritas ficaram terrivelmente desapontados. Em dezembro de 1844, Deus deu a Ellen a primeira de 2000 visões e sonhos proféticos re-

Ellen G. White, e o seu marido, James White.

cebidos até à sua morte, em 1915. Essa primeira visão confirmou que Deus estava presente junto do incipiente grupo de crentes e que eles iriam alcançar a Cidade Santa.

Ellen foi encorajada por James White, um jovem Pastor Adventista, a dar as suas mensagens. Eles casaram-se em 30 de agosto de 1846, e, em breve, estavam a guardar o Sábado por terem encontrado a sua fundamentação bíblica num folheto escrito por Joseph Bates. Mais tarde, Ellen teve uma visão que confirmava a crença bíblica de que o Sábado era o dia correto de guarda dos Cristãos.

O pequeno grupo de Sabatistas continuou a estudar a Bíblia, procurando descobrir novas verdades. As visões dadas a Ellen frequentemente confirmavam as suas conclusões. Por vezes, as instruções de Deus livravam-nos de conclusões erróneas. Mas as visões nunca substituíram a sua necessidade de estudar a Bíblia a fundo.

Em 1851, Ellen G. White escreveu um opúsculo, reimpresso em *Primeiros Escritos*, que foi a primeira de cerca de 100 publicações de que ela foi a autora. James e Ellen G. White viajavam muito, pregando, encorajando e aconselhando os membros da Igreja em desenvolvimento. Ser mãe de quatro rapazes já era um enorme desafio, mas ela sentia também a dor de se separar deles durante as suas longas viagens. Ela experimentou igualmente a dor de perder dois dos seus filhos. John Herbert morreu quando era um bebé de três meses e Henry Nichols morreu aos 16 anos. James Edson e William Clarence tor-

naram-se ambos Pastores ordenados da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Muitas das visões que Deus deu a Ellen G. White continham mensagens de esperança e de encorajamento, enquanto outras apresentavam alertas e reprovações. Era difícil comunicar algumas destas mensagens mais fortes. Ser a mensageira do Senhor não era uma tarefa fácil! Deus falou por meio dela, guiando a Igreja através de muitos desafios.

Ellen tornou-se numa oradora muito popular, sempre bem-vinda nas reuniões Adventistas. Ela era, provavelmente, mais conhecida como oradora do que como escritora. Tornou-se também numa oradora popular entre os grupos não-Adventistas que promoviam a temperança, ao discorrer a favor da temperança cristã.

Em 1863, Deus deu a Ellen G. White uma importante visão sobre a saúde. Esta sublinhava a importância de uma dieta adequada, do exercício, do repouso e do ar puro; sublinhava também o conceito de que preservar a saúde é um dever religioso. Os princípios dessa visão acabaram por ser adotados por muitos Adventistas ao redor do mundo. Recentes estudos científicos demonstraram que praticar o estilo de vida recomendado por Deus resulta numa maior longevidade, sendo que os Adventistas que seguem esse estilo de vida vivem mais anos do que a população em geral.

Ellen G. White sentia ser insuficiente a sua capacidade para descrever aquilo que Deus lhe mostrava, pelo que lia muito. Os autores que ela lia ajudavam-na a descrever o que Deus



lhe tinha mostrado. Ocasionalmente, certas frases sonantes ficavam embebidas na sua mente e ela usava-as em sermões ou em palestras. Ellen G. White nunca pretendeu ser infalível ou perfeita. Nem pretendeu que os seus escritos estivessem ao mesmo nível da Bíblia. No entanto, ela cria firmemente que as mensagens que Deus lhe dava eram de origem divina, sendo os seus escritos produzidos sob a orientação do Espírito de Deus.

Existem muitas histórias sobre a generosidade da Senhora White. Enquanto vivia na Austrália, ela tinha o costume de adquirir rolos de tecido e, se via uma senhora que precisava de um novo vestido, ela dava-lhe o material para o costurar. Ela comprava peças de mobiliário usado para que, se surgisse uma necessidade, pudesse prestar assistência imediata. Frequentemente enviava fundos para ajudar um Pastor idoso que precisava de assistência financeira na sua reforma.

Ellen G. White tinha o costume de acolher hóspedes na sua casa e retirava-se para dormir muito cedo. Era frequente ela levantar-se às duas ou três horas da manhã para escrever. Alguns livros, como *Aos Pés de Cristo*, são devocionais. Outros, como os *Testemunhos para a Igreja*, são seleções de muitas cartas e manuscritos que ela escreveu, tendo em vista oferecer conselhos.

Os cinco livros da série “O Grande Conflito” são mais históricos, descrevendo o conflito entre Cristo e Satanás, que começou no Céu, e que terminará com a erradicação do pecado no fim do milénio. Nesses livros, os leitores são constantemente convidados a escolherem o lado de Deus nessa guerra. Hoje, livros como *A Ciência do Bom Viver* e *Educação* são considerados clássicos nas suas áreas.

Por altura da sua morte, em 16 de julho de 1915, havia 24 livros publicados, e outros dois prestes a serem publicados. Cerca de 5000 artigos foram

O exemplo e os escritos de Ellen G. White podem ajudar aquele que está em busca de Deus a viver uma experiência mais profunda com Ele. Os escritos dela apontam continuamente para as Escrituras, onde Deus proveu orientação para o Seu povo.

publicados em várias revistas Adventistas; outras 50 000 páginas de manuscritos por publicar estão guardadas no cofre do *White Estate*, a organização responsável pela preservação e publicação dos escritos de Ellen G. White. Tal como ela determinou no seu Testamento, várias compilações foram organizadas e publicadas.

Durante 71 anos, Ellen G. White proclamou fielmente as mensagens que lhe foram dadas por Deus. O seu conselho era frequentemente procurado pelos líderes da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Apesar de possuir pouca educação formal, as suas visões deram origem ao atual sistema mundial de Educação Cristã. Ela não tinha formação médica, no entanto, encorajou a criação de uma Rede de Hospitais, Clínicas e Faculdades de Medicina Adventistas que se estende pelo mundo. Ela nunca foi ordenada ao Ministério Pastoral, mas os seus escritos continuam a influenciar milhões

de pessoas residentes nos 200 países onde opera hoje a Igreja Adventista do Sétimo Dia. A mensageira do Senhor continua a ajudar as pessoas a encontrarem o Senhor, a aceitarem o Seu perdão e a partilharem a Sua graça com outros.

Durante os últimos anos da sua vida, Ellen G. White gostava de passear de charrete. Ao passar perto de um lar, ela declarava: “Será que as pessoas que vivem nesta casa sabem alguma coisa sobre Jesus?” Ela parava então ali e visitava os vizinhos, deixando frequentemente fruta do seu pomar, para além de alguma literatura. Durante vários anos após a sua morte, ela foi recordada como aquela pequena senhora vestida de negro, que vinha na sua charrete, e falava acerca de Jesus.

No nosso mundo frenético, onde as coisas espirituais são frequentemente descuidadas ou completamente ignoradas, o exemplo e os escritos de Ellen G. White podem ajudar aquele que está em busca de Deus a viver uma experiência mais profunda com Ele. Os escritos dela apontam continuamente para as Escrituras, onde Deus proveu orientação para o Seu povo.



O QUE É “O ESPÍRITO DE PROFECIA”?



Ranko Stefanovic

Professor na Faculdade de Teologia da Universidade Andrews Retirado de Gerhard Pfandl (ed.), Interpretando as Escrituras, Tatuí, SP: Casa Editora Brasileira, 2016, pp. 361 e 362.

“Sou teu conservo, e dos teus irmãos, que têm o testemunho de Jesus; adora a Deus. Porque o testemunho de Jesus é o espírito de profecia” (Apocalipse 19:10, ARC).

O que quer João dizer com a expressão “*espírito de profecia*”, que ocorre apenas uma vez nas Escrituras? Será que a expressão se refere ao Espírito Santo, com O Qual os Cristãos devem encher-se, ou refere-se a um dom específico do Espírito Santo? Mais ainda: porque é que “*o testemunho de Jesus*” é chamado “*o espírito de profecia*”?

O SIGNIFICADO

A expressão “*o espírito de profecia*” não é explicada em parte alguma de Apocalipse. A razão para essa falta de explicação é que os Cristãos do primeiro século, para quem Apocalipse foi originalmente escrito, co-

nheciam muito bem essa expressão. Ela referia-se ao Espírito Santo, que comunica o dom profético. O Judaísmo Rabínico equiparava as expressões do Antigo Testamento “*o Espírito Santo*”, “*o Espírito de Deus*” ou “*o Espírito do Senhor*” com a expressão “*o espírito de profecia*”. É possível perceber essa equiparação nas muitas vezes em que ocorre essa locução na tradução aramaica do Antigo Testamento. Por exemplo, Gênesis 41:38, na tradução aramaica, diz: “Disse faraó aos seus oficiais: Acharíamos, porventura, homem como este, em quem há o espírito de profecia procedente do Senhor?”, referindo-se a José. E, em Nú-

“Pois o testemunho ou a testificação de [dado por] Jesus é [constitui] o espírito de profecia.’ Este comentário marginal designa em especial os irmãos que mantêm o testemunho de Jesus na condição de detentores da inspiração profética. O testemunho de Jesus equivale praticamente ao ato de Jesus testificar (xxii, 20). É a autorrevelação de Jesus que move os profetas cristãos.”

(James Moffat, *The Revelation of St. John the Divine*, em *The Expositor’s Greek Testament*, ed., W. R. Nicoll, [Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1980], 5:465.)

meros 27:18, a tradução aramaica diz: “Toma Josué, filho de Num, homem que tem dentro de si o *espírito de profecia*, e impõe-lhe as mãos.”

Assim, para os leitores originais do Apocalipse, a expressão “*o espírito de profecia*” significava o Espírito San-

to, que fala por meio de pessoas específicas, chamadas profetas, para declarar a mensagem que lhes foi confiada por Deus (II Pedro 1:21).

O “TESTEMUNHO DE JESUS”

O texto de Apocalipse 19:10 equipara “*o espírito de profecia*” ao “*testemunho de Jesus*”. A expressão “*o testemunho de Jesus*” pode ter, no original grego, o sentido de “falar-se acerca de Jesus”. Nessa linha, a *NAB* traduz a locução como “*dar testemunho de Jesus*” (Apocalipse 12:17). Mas esta expressão também pode referir-se ao testemunho dado por Jesus durante a Sua vida e o Seu ministério, e, após a Sua ascensão, pelos Seus profetas. O contexto de Apocalipse privilegia a segunda interpretação. A maioria das traduções, portanto, afirma: “*(man)têm o testemunho de Jesus*” (*ARA, ARC, ESV, KJV, NASB, NVI*).

Em Apocalipse 1:2, 9; 12:17, a expressão “*o testemunho de Jesus*” é sempre equilibrada com a expressão “*a palavra de Deus*” ou “*os mandamentos de Deus*”. “*A palavra de Deus*” é o que Deus disse; os “*mandamentos de Deus*” são os preceitos divinos; e o “*testemunho de Jesus*” é o que Jesus disse. A “*Palavra de Deus*”, no tempo de João, referia-se ao Antigo Testamento, enquanto o “*testemunho de Jesus*” referia-se ao que Jesus tinha ensinado nos Evangelhos e por meio dos Seus profetas, como Pedro e Paulo. Apocalipse 19:10 diz, portanto: “Pois o testemunho de Jesus é o espírito de profecia”, isto é, o Espírito Santo que concede o dom profético aos seres humanos.

Assim, a chave para desvendar o significado da declaração “*o testemu-*

É chamado “o espírito de profecia” porque é o Espírito Santo que inspira e capacita o profeta a falar as palavras de Cristo e a comunicar “o testemunho de Jesus” ao povo de Deus.

nho de Jesus é o espírito de profecia” é o contexto da locução. A expressão “*o testemunho de Jesus*” mostra que aquilo que o verdadeiro profeta comunica ao povo de Deus não é nem a sua mensagem, nem as suas ideias. É a “*Palavra de Deus*”, enviada por Cristo, como testemunho d’Ele próprio, dirigido à Igreja, por meio do “*espírito de profecia*”. É chamado “*o espírito de profecia*” porque é o Espírito Santo que inspira e capacita o profeta a falar as palavras de Cristo e a comunicar “*o testemunho de Jesus*” ao povo de Deus (ver II Pedro 1:20 e 21).

O DOM PROFÉTICO NA IGREJA

Apocalipse 19:10 está, portanto, alinhado com o claro ensino do restante do Novo Testamento de que os profetas se distinguem como um grupo especial dentro da Igreja. “*O espírito de profecia*” não diz respeito a todos os crentes da Igreja, mas apenas aos chamados por Deus para o ministério profético. Este facto recebe ênfase especial em Apocalipse 22:9: “Então, ele me disse: Vê, não faças isso; eu sou conservo teu, dos *teus irmãos, os profetas*, e dos que guardam as palavras deste livro.” Em 19:10, os “*irmãos*” de João são os que têm o

testemunho de Jesus mediante o espírito de profecia. Isto é confirmado em 22:6 (ARA): “O Senhor, o Deus dos espíritos dos profetas, enviou o seu anjo para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer.” João afirma, neste texto, ser um dos profetas (como Paulo antes dele); ele recebeu uma revelação especial, a saber, “a Palavra de Deus”. E ele atesta “o testemunho de Jesus” que lhe é comunicado por um anjo em visão (1:2).

No entanto, João não se considera o último dos profetas; ele mostra claramente que o ministério profético continuaria na Igreja depois do primeiro século. Embora Deus possa ter-Se revelado a indivíduos ao longo da Era Cristã, Apocalipse 12:17 deixa claro que o remanescente escatológico de Deus caracteriza-se por guardar os mandamentos de Deus e ter o “testemunho de Jesus”, isto é, o espírito de profecia, ou o dom profético. Por outras palavras, no tempo do fim, a Igreja remanescente teria novamente o dom profético a operar no seu meio, como no tempo de João.

CONCLUSÃO

Apocalipse 19:10 (e 22:6, 9) dá ao povo de Deus, que vive nos dias finais da história da Terra, a segurança do cuidado e da orientação de Deus por meio do Espírito Santo, que opera por intermédio do chamado ofício profético, assim como sucedeu com o povo de Deus do passado. Contudo, o que separa o povo de Deus dos infiéis no tempo do fim não é só a manifestação do dom profético, mas, sobretudo, a fidelidade à mensagem profética.

OS QUATRO IMPÉRIOS DE DANIEL 7 [PARTE 4]



Paulo Lima
Editor da Revista Adventista

“Depois disto, eu continuava olhando nas visões da noite, e eis aqui o quarto animal, terrível e espantoso, e muito forte, o qual tinha dentes grandes de ferro; ele devorava e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava; era diferente de todos os animais que apareceram antes dele, e tinha dez pontas” (Daniel 7:7, ARC).

No presente artigo iremos concluir a interpretação dos quatro animais que são os protagonistas da primeira parte do sonho profético narrado no capítulo 7 do livro de Daniel. Nos artigos anteriores, vimos que o leão com asas de águia simbolizava o Império Neo-Babilónico (605-539 a.C.); que o urso simbolizava o Império Medo-Persa (539-331 a.C.); e que o leopardo alado simbolizava o Império Greco-Macedónio (331-146 a.C.). Tal como indicam as datas assinaladas, que definem o período de hegemonia político-militar de cada um destes Impérios, eles dominaram sucessivamente a região



do Mediterrâneo Oriental. A percepção deste facto é decisiva para a interpretação do quarto e derradeiro animal que surge em Daniel 7:1-7. Essa é a tarefa que iremos empreender em seguida. Veremos que, tal como os animais anteriores, este animal representa um Império que dominou a cena geopolítica do Mediterrâneo. Não apenas do Mediterrâneo Oriental, como os Impérios anteriores, mas do Mediterrâneo na sua totalidade. Por fim, encerraremos este artigo com uma conclusão geral acerca das lições a tirar da interpretação de Daniel 7:1-7 que realizámos ao longo desta série de artigos.

O ANIMAL TEMÍVEL E TERRÍVEL

Após o leopardo alado, que simbolizava o Império Greco-Macedónio, “eis um animal, o quarto, temível e terrível e extremamente poderoso; e ele tinha grandes dentes de ferro; ele devorava e triturava e pisava o resto com as suas patas; e ele era diferente entre todos os animais que tinham vindo antes dele e tinha dez chifres” (Daniel 7:7 – tradução do autor – original hebraico). Que Império é representado por este quarto animal? Ao contrário do que fizemos no caso dos animais anteriores, não podemos aqui recorrer à “Analogia das Escrituras” como estratégia para identificarmos o referente histórico do animal temível e terrível. De facto, embora haja um paralelo estrutural e semântico claro entre as pernas de ferro com os pés e os dez dedos de ferro e de cerâmica de Daniel 2 e o animal temível e terrível com dez chifres de Daniel 7, esse paralelo não permite determinar imediatamente a identidade histórica

O animal temível e terrível de Daniel 7:7 simboliza o Império de Roma.

do quarto animal de Daniel 7. Isto deve-se ao facto de o quarto reino de Daniel 2 – representado pelo ferro – não ser explicitamente identificado no texto. O mesmo se passa com o paralelo existente entre o animal temível e terrível de Daniel 7 e a ponta pequena de Daniel 8. Dado que o referente histórico da ponta pequena de Daniel 8 não é indicado explicitamente nesse texto, ficamos impedidos de usar tal texto para identificar o referente histórico do animal temível e terrível de Daniel 7.

No entanto, podemos recorrer a uma estratégia alternativa. Vimos até aqui que os animais de Daniel 7:1-7 representam Impérios que se sucederam no controlo hegemónico do Mediterrâneo Oriental. Assim, o Império Neo-Babilónico (o leão com asas de águia) foi conquistado e sucedido pelo Império Medo-Persa (o urso), e este foi conquistado e sucedido pelo Império Greco-Macedónio (o leopardo alado). Portanto, cabe perguntar: que Império conquistou o Império Greco-Macedónio e lhe sucedeu como potência hegemónica no Mediterrâneo Oriental? Qualquer compêndio de História Universal nos indica que foi o Império Romano que realizou tal feito. Deste modo, somos obrigados a concluir que o animal temível e terrível de Daniel 7:7 simboliza o Império de Roma. Esta identificação é amplamente confirmada pela interpretação exegética das características do referido animal.



No seu sonho, Daniel viu um “quarto” animal, que lhe pareceu “temível, terrível e extremamente poderoso”. Tal como os três animais anteriormente mencionados no sonho, este quarto animal simboliza um “reino sobre a terra” (Daniel 7:23). Note-se que este animal é o único descrito como sendo terrivelmente destruidor. O urso deveria “comer muita carne” (Daniel 7:5) e o leopardo teria “domínio” (Daniel 7:6), mas apenas o quarto animal seria tão agressivo e destruidor que “devorava e triturava e pisava o resto com as patas” (Daniel 7:7). Daniel não conseguiu encontrar um animal do mundo natural que se lhe pudesse comparar. De facto, este quarto animal não é identificado com qualquer criatura reconhecível do mundo natural, porque não se encaixa em qualquer categoria zoológica, e, neste sentido, é claramente diferenciado dos três animais anteriores que figuram na visão. Assim, ele é descrito sem ser nomeado, sendo apresentado através do uso de uma cadeia de três adjetivos que descrevem o seu caráter

feroz e poderoso. A falta de um nome adensa o mistério sobre este animal.

Ao contemplar atentamente o quarto animal, Daniel viu que ele tinha “grandes dentes de ferro”. O ferro conota os conceitos de solidez e de poder destrutivo no Velho Testamento (Salmo 2:9; Provérbios 27:17; Jeremias 28:13) e no próprio livro de Daniel (2:40). É de notar que o ferro é o metal do quarto Império – as pernas de ferro – da estátua de Daniel 2. Assim, há aqui uma forte alusão à existência de uma correspondência simbólica entre as pernas de ferro de Daniel 2 e o animal temível e terrível de Daniel 7. Isto significa que ambos os símbolos representam o mesmo Império. Devemos ainda considerar que é atribuída uma característica adicional ao quarto animal, em Daniel 7:19, pois, além de aí ser dito que ele tinha “dentes de ferro”, também é dito que tinha “garras de bronze”. É fácil de ver que as garras de bronze podiam despedaçar eficazmente as suas vítimas. Assim, os “grandes dentes de ferro” e as “garras de bronze” representam o tremendo poder destrutivo do animal temível e terrível.

Usando os seus “dentes de ferro” e as suas “garras de bronze”, o quarto animal “devorava e triturava e pisava o resto com as suas patas”. Exibia, des-

Os “grandes dentes de ferro” e as “garras de bronze” representam o tremendo poder destrutivo do animal temível e terrível.

ta forma, o seu poder destrutivo. De facto, estas ações descrevem um animal feroz a matar e a devorar a sua presa. Note-se que, na descrição dos três animais anteriores, foram usados verbos passivos para descrever o que lhes acontecia, pelo que a ênfase estava colocada no que Deus lhes fazia, lhes dizia e lhes dava. Agora, o uso dos verbos ativos “devorar”, “triturar” e “pisar” na descrição do quarto animal coloca a ênfase na autonomia desse animal ao empreender a sua ação destruidora. Assim, está preparado o caminho para a ação de Deus, que confrontará diretamente a ação voluntariosa do quarto animal (cf. Daniel 7:9-11). Devemos também notar que a menção de que este animal “devorava e triturava e pisava o resto com as suas patas” estabelece, de novo, uma correspondência simbólica entre as pernas de ferro de Daniel 2 e o quarto animal de Daniel 7. De facto, Daniel 2:40 afirma explicitamente que o “quarto reino” – representado pelas pernas de ferro – também teria poder para “pulverizar”, “partir” e “esmagar” os seus adversários.

Perante os atributos agressivos e o comportamento destruidor do quarto animal, Daniel constata, então, que ele “era diferente entre todos os animais que tinham vindo antes dele”. Cada um dos animais era “diferente” dos outros (Daniel 7:3), mas a aparência terrível, o comportamento temível e a fúria destruidora deste quarto animal tornavam-no totalmente diferente dos anteriores, colocando-o numa classe à parte. Se um leão, um urso ou um leopardo são aterradores, este quarto animal é-o ainda mais. Ele é tão aterrador

Cada um dos animais era “diferente” dos outros (Daniel 7:3), mas a aparência terrível, o comportamento temível e a fúria destruidora deste quarto animal tornavam-no totalmente diferente dos anteriores.

que nenhum animal do mundo natural se lhe pode comparar. Daí a sua absoluta diferença notada pelo profeta.

Convém agora perguntar: as características do animal temível e terrível fazem dele um símbolo adequado do Império Romano? Se assim for, a hipótese de interpretação que avançamos no início deste artigo seria confirmada. Ora, o anjo intérprete declarou a Daniel que o quarto animal representava um “reino” que “devoraria toda a terra” e que seria “diferente de todos os reinos” anteriores (Daniel 7:23), pelas razões que vimos até aqui. Na verdade, o animal temível e terrível simboliza perfeitamente o Império Romano na sua singularidade histórica. Essa singularidade exprime-se na constituição política e na ação militar de Roma. Em todos os Impérios anteriores – Babilónia, Medo-Pérsia e Grécia-Macedónia –, a constituição era monárquica. Com o Império de Roma, a constituição republicana fez a sua aparição na arena geopolítica do Mediterrâneo. A forma republicana dessa constituição foi preservada mesmo sob o governo dos



Imperadores, pois o Imperador era considerado (pelo menos teoricamente) como estando sujeito ao Senado. Neste sentido, o Império de Roma foi diferente de todos os Impérios precedentes.¹ Roma teve também um poder militar, uma extensão territorial e uma longevidade política muito superiores aos de todos os Impérios anteriores que o mundo antigo tinha conhecido. As nações ao redor do Mediterrâneo foram irresistivelmente esmagadas pela ação poderosa e cruel das legiões romanas. Os povos conquistados foram dominados pelo poder romano e os seus recursos foram administrados em benefício de Roma. A escravatura imposta a milhões de membros dos povos subjugados e o modo como as revoltas eram dominadas pelas legiões evidenciam bem a ferocidade romana simbolizada pelas ações do quarto animal. Tal ferocidade ultrapassou largamente a agressividade demonstrada pelos três Impérios que tinham antecedido o Império Romano. A duração do Império

de Roma e a sua influência política ultrapassaram igual e largamente a duração e a influência política dos Impérios anteriores apresentados no sonho de Daniel. Tendo sido fundada em 753 a.C., Roma era já uma forte potência no Mediterrâneo Ocidental quando Alexandre Magno concluiu a fundação do seu Império. No entanto, o Império Greco-Macedónio de Alexandre dividiu-se em várias monarquias helenísticas. Em 146 a.C., Roma começou a conquista do desmembrado Império Greco-Macedónio. Na verdade, nessa data, as legiões romanas puseram fim ao reino helenístico da Macedónia, de

As nações ao redor do Mediterrâneo foram irresistivelmente esmagadas pela ação poderosa e cruel das legiões romanas.

onde Alexandre saía para conquistar o mundo. Foi o primeiro passo para a conquista romana de todos os reinos helenísticos surgidos da divisão do Império Greco-Macedônio de Alexandre Magno. O último passo dessa conquista foi dado em 30 a.C., com a anexação do reino helenístico do Egito por Roma. O Império Romano tinha, assim, substituído o Império Greco-Macedônio como potência hegemônica no Mediterrâneo Oriental. Na verdade, Roma estava destinada a deter a hegemonia à volta de todo o Mediterrâneo até 476 d.C., data que marca a deposição de Rômulo Augusto, o último Imperador do Ocidente.²

OS DEZ CHIFRES

Resta-nos analisar uma característica final do animal temível e terrível. Daniel viu ainda que o quarto animal tinha “dez chifres”. Esta também é uma característica que não tem paralelo em qualquer animal do mundo natural. Dado que, para os Hebreus, os chifres de um animal simbolizavam o seu poder ofensivo (Deuteronómio 33:17; I Reis 22:11; Miqueias 4:13), os “dez chifres” fazem do animal temível e terrível um animal extremamente poderoso. Ele ultrapassa todos os outros animais em poder destrutivo e agressivo. Por representarem poder no mundo natural, os chifres são também um símbolo comum para o poder militar de um rei ou de uma nação no texto hebraico do Antigo Testamento (I Samuel 2:10; Salmos 18:2; 92:10 e 11; 132:17 e 18; Ezequiel 29:21; Zacarias 1:18-21). Assim, não é de admirar que o anjo que acompanha Daniel na sua

O sonho do capítulo 7 de Daniel é uma verdadeira profecia inspirada por Deus, pois apenas Deus poderia ter, no ano 550 a.C., data da receção do sonho, um conhecimento prévio exato do curso da História, desde 550 a.C. até à instauração futura do Reino de Deus.

visão interprete os “dez chifres” como sendo o símbolo de “dez reis” (Daniel 7:24). No entanto, será que devemos interpretar estritamente o substantivo plural “reis” de Daniel 7:24 como significando simplesmente “indivíduos dotados do poder real”? Na verdade, podemos apresentar argumentos no sentido de mostrar que estes “reis” devem ser entendidos como “reinos”. Primeiro, em Daniel 7, as palavras “rei” (*melek*) e “reino” (*malkú*) são permutáveis, como vemos ao compararmos Daniel 7:17 e 7:23. Deste modo, se os “quatro reis” de Daniel 7:17 são quatro “reinos”, segundo Daniel 7:23, então também podemos considerar os “dez reis” de Daniel 7:24 como sendo dez reinos. Segundo, em Daniel 8, os dois “chifres” do carneiro representam os reinos dos povos medo e persa, liderados pelos seus reis (Daniel 8:3, 20), que constituem um determinado Império. Também os “quatro chifres” que surgem no bode representam

“quatro reinos que se levantarão da mesma nação” (Daniel 8:8, 22).³ Portanto, podemos concluir que os dez “reis” de Daniel 7:24 são, na verdade, dez reinos. Estes reinos são contemporâneos. Primeiro, porque os “dez chifres” se “elevam” ao mesmo tempo na cabeça do quarto animal (Daniel 7:24). Segundo, porque, quando surge posteriormente, o “chifre pequeno” “arranca” três dos dez chifres, o que mostra que estes estavam prévia e simultaneamente presentes na cabeça do quarto animal (Daniel 7:8). Assim sendo, concluímos que os “dez chifres” representam reinos (“reis”) contemporâneos que surgiram no território do Império simbolizado pelo animal temível e terrível (Daniel 7:24). Mas, que reinos são estes?

Dado que os chifres pertencem ao quarto animal e se “elevam” dele (Daniel 7:24), estes “reis” ou reinos devem estar ligados geográfica e historicamente ao Império simbolizado por esse animal. Assim, a interpretação dos dez chifres que representam “reis” (isto é, reinos) depende da identificação do animal. Visto que o quarto animal representa o Império de Roma, os dez chifres que procedem desse animal devem representar reinos que surgiram contemporaneamente no território do Império Romano numa certa época da sua história.⁴ Ora, a História informa-nos de que foram efetivamente fundados dez reinos no território do Império Romano do Ocidente, entre os séculos V e VI, por dez povos bárbaros germânicos invasores. Esses povos foram os Visigodos, os Ostrogodos, os Vândalos, os Suevos, os Burgundos, os

Francos, os Alamanos, os Lombardos, os Hérulos e os Anglo-Saxões.⁵ Os reinos que estes dez povos fundaram deram origem à Europa das Nações que existe ainda hoje, pois as modernas nações da Europa Ocidental e Central são as suas herdeiras. Uma vez que o quarto animal com os seus chifres será destruído apenas quando for instalado o reino “do povo dos santos do Altíssimo” (Daniel 7:11, 13 e 14, 21 e 22, 26 e 27), concluímos que, no tempo do fim, imediatamente antes do regresso de Cristo, um poderoso Império constituído por uma confederação de nações europeias surgirá das cinzas do antigo Império de Roma.⁶ A atual União Europeia é, certamente, um decisivo passo em frente na constituição de tal confederação. Ela surge, assim, como um sinal importante de que está próxima a Segunda Vinda de Jesus Cristo.

CONCLUSÃO GERAL

Terminámos a identificação histórica dos quatro animais descritos no sétimo capítulo do livro de Daniel. Acreditamos que ficou demonstrada a correção da “hipótese romana” que apresentámos na introdução ao primeiro artigo desta série de artigos.⁷ Os Impérios representados pelos quatro animais de Daniel 7:1-7 são o Império Neo-Babilónico, o Império Medo-Persa, o Império Greco-Macedónio e o Império Romano. Isto significa que a “hipótese grega” defendida pelos exegetas liberais – em que o *quarto* animal simboliza o Império Greco-Macedónio – não tem suficiente fundamento no texto de Daniel. Ora, esta “hipótese grega” é sustentada pelos referidos exegetas,



porque estes rejeitam, *a priori*, a possibilidade de o livro de Daniel ser uma autêntica profecia comunicada por Deus a um profeta do século VI a.C.. Mas, se a “hipótese grega” não é válida, não há qualquer razão *exegética* para se defender que o sétimo capítulo do livro de Daniel teria sido escrito por um Judeu anônimo no século II a.C.. Fica então sustentada a datação original de Daniel 7, que coloca a recepção do sonho pelo profeta em 550 a.C.. Portanto, ao demonstrarmos que a “hipótese

romana” é a interpretação correta de Daniel 7:1-7, estamos a criar as condições necessárias para demonstrar que o sonho do capítulo 7 de Daniel é uma verdadeira profecia inspirada por Deus, pois apenas Deus poderia ter, no ano 550 a.C., data da recepção do sonho, um conhecimento prévio exato do curso da História, desde 550 a.C. até à instauração futura do Reino de Deus. Por sua vez, esta conclusão é importante, porque obtemos, desta maneira, uma poderosa prova da existência de Deus!

¹ J. E. H. Thomson, *Daniel* (The Pulpit Commentary), n. ed., London/New York: Funk & Wagnalls, [s.d.], p. 212.

² Sobre a história do Império Romano, veja-se Claude Mossé (dir.), *História do Mundo Antigo*, Lisboa: Círculo dos Leitores, 2016, pp. 316-360, 374-422, 460-475; John B. Harrison e Richard E. Sullivan, *A Short History of Western Civilization*, 3rd ed., New York: Alfred A. Knopf, 1971, pp. 151-242.

³ Samuel Roles Driver, *The Book of Daniel*, Cambridge: Cambridge Uni-

versity Press, 1900 [Ed. fac. Forgotten Books, 2012], p. 84. R. H. Charles, *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Daniel*, Eugene: Wipf & Stock, 2006, p. 179.

⁴ Edward J. Young, *The Prophecy of Daniel – A Commentary*, Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans, 1980, p. 160.

⁵ Para uma história das invasões do Império Romano por estes povos, veja-se Lucien Musset, *Les invasions – Les vagues germaniques*, Paris: Presses Universitaires de France,

1965; Pierre Riché, *Les invasions barbares*, Paris: Presses Universitaires de France, 1968, e Jean-Pierre Leguay, *L'Europe des États barbares – Ve–VIII siècles*, Paris: Belin, 2002.

⁶ Stephen R. Miller, *Daniel* (The New American Commentary, vol. 18), Nashville, Tenn.: B. & H., 1994, pp. 202 e 203.

⁷ Paulo Lima, “Os Quatro Impérios de Daniel 7 (Parte 1)”, *Revista Adventista*, 78, nº 849, fevereiro de 2018, pp. 11 e 12.



O CRISTÃO E O MUNDO ONLINE



Luís Carlos Fonseca
Pastor

*“Somos sete pessoas,
cada uma com o seu
smartphone na mão,
e ninguém está a
conversar entre si.”*

Muitas coisas mudaram de há trinta anos para cá. Hoje, podemos comunicar facilmente entre nós através de *email*, do *Twitter*, do *Facebook*, do *YouTube*, do *WhatsApp* e de tantos outros meios. Antigamente, a comunicação fazia-se por meio de cartas de papel, enviadas pelos Correios. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística informa que os Brasileiros que mais utilizam a Internet e as Redes Sociais situam-se na classe de pessoas com mais de 50 anos. De acordo com os dados de 2015 da pesquisa *Bareme Internet*, “o avanço da Internet em Portugal continua a crescer, atingindo os 5,6 milhões de utilizadores, um va-

lor que representa 65,4% do universo composto pelos residentes no Continente com 15 e mais anos”. O *Facebook* é a maior Rede Social da atualidade, contando com mais de dois mil milhões de utilizadores. Hoje em dia, poucas pessoas revelam fotografias em formato de papel, pois partilham a sua vida através de fotografias no *Instagram* e noutros meios.

Muitas coisas mudaram, em termos de facilidade e de velocidade da comunicação, mas muitas coisas precisam de melhorar ao nível dos bons relacionamentos. Num destes dias, a minha família estava reunida à volta de uma mesa na casa de um familiar, e alguém disse: “Somos sete pessoas, cada uma com o seu *smartphone* na mão, e ninguém está a conversar entre si.” Os pais dedicam cada vez menos tempo aos filhos, os casamentos estão a desfazer-se, as boas amizades estão a romper-se por causa destas mudanças nos Meios de Comunicação.

É importante ponderarmos alguns aspetos relacionados com o universo *online* para não sermos apanhados em armadilhas morais e espirituais. É-nos requerido algum esforço para termos a orientação de Deus e a sabedoria que são necessárias para administrarmos o tempo que empregamos nos acessos a conteúdos, na partilha dos mesmos e nas conversas nos *chats* particulares.

NARCISISMO E NECESSIDADE DE APROVAÇÃO

O narcisismo é o amor doentio de uma pessoa por si mesma ou pela sua imagem. Trata-se de um conceito de-

Já pensou em como utilizaria Jesus as Redes Sociais, caso vivesse nos nossos dias?

envolvido por Sigmund Freud durante os seus esforços para ajudar pessoas com este problema. O mito grego de Narciso conta que um belo jovem, chamado Narciso, ao contemplar o seu rosto refletido na água, apaixonou-se pela própria imagem. O narcisista considera-se a pessoa mais importante do mundo e coloca os outros em posição inferior. O próprio Cristo advertiu-nos contra este problema espiritual quando afirmou que devemos amar o próximo como a nós mesmos. Paulo também nos advertiu contra este grave problema espiritual: “Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo” (Filipenses 2:3). O apóstolo disse ainda: “Porque haverá homens amantes de si mesmos” (II Timóteo 3:2).

Com que intenção as pessoas publicam as suas fotografias ou as fotografias dos seus amigos e familiares nas Redes Sociais? Para além do perigo espiritual, já exposto, há outros problemas associados. Tirar fotografias de crianças e vendê-las a uma rede de pedofilia é considerado crime, mas, se as fotografias são publicadas na Internet, na conta pessoal do *Facebook* ou do *Instagram*, isso é considerado algo normal. No entanto, sabemos bem que a privacidade é algo que quase não existe na Internet, pelo que as



fotografias que julgávamos estar a partilhar apenas com os nossos contactos podem ser partilhadas com uma rede muito maior de pessoas e, talvez, para fins condenáveis.

PARTILHAR O AMOR E A MISERICÓRDIA DE DEUS

Antes da voga das Redes Sociais, a Televisão, a Rádio e a Imprensa eram os principais Canais de Comunicação. Hoje, o universo *online* é de fácil acesso, e muitas pessoas encontram-se conectadas por diversas tecnologias, inclusive por dispositivos móveis. Empresas e pessoas individuais apostam nas Redes Sociais para venderem os seus produtos e fazem-no com excelentes resultados! Então, porque não aproveitarmos as Redes Sociais para partilharmos o Evangelho?

Já pensou em como utilizaria Jesus as Redes Sociais, caso vivesse nos nossos dias? A participação do Cristão nas Redes Sociais não deveria ser uma simples questão de uso da Tecnologia moderna. Ele deveria usá-las para o testemunho cristão. O dom da linguagem e da comunicação foi dado ao ser humano. Assim, utilizar adequadamente as capacidades de comunicação é algo que é exigido de cada representante de Cristo. As nossas intenções fazem toda a diferença! Lembro o exemplo dos Fariseus, que foram influentes na época de Cristo. Eles usavam as palavras para ferir, magoar e depreciar os outros, pelo que Jesus teve que repreendê-los repetidamente. A capacidade natural do Homem para comunicar foi danificada pelo pecado. Mas aquilo que partilhamos pode expor o nosso lado

O mau uso das Redes Sociais pode destruir o relacionamento com a família e com os amigos; atrapalhar os estudos e o trabalho; e, pior do que tudo, separar a pessoa de Deus.

imperfeito e pecaminoso ou o nosso lado misericordioso e amável, expresso na relação com Deus e com as pessoas. Para contribuímos para a pregação da Palavra, também através das Redes Sociais, é necessário que igualmente se diga de nós: “Mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do Senhor Jesus, e pelo Espírito do nosso Deus” (I Coríntios 6:11).

O Cristão é aconselhado a evitar discussões em qualquer momento da vida e isso também se aplica aos momentos passados nas Redes Sociais: “Mas não entres em questões loucas, genealogias e contendas, e nos debates acerca da lei; porque são coisas inúteis e vãs” (Tito 3:9). Que assuntos publicaria Jesus nos Seus *tweets*? Como Se relacionaria com os Seus amigos e seguidores no *Facebook*? Como trataria aqueles que discordassem d’Ele? Que tipo de fotografias publicaria no *Instagram*? Relacionar-se no mundo *online* exige esforço e sabedoria por parte do crente. As discussões vazias levam muitos a tropeçar na fé e desencaminham outros. Neste caso, o melhor a fazer é

não abirmos espaço para discussões. E os seguidores de Jesus ainda têm a missão de partilhar o amor, a misericórdia e a graça de Deus onde quer que estejam, inclusive quando estão *online*.

FAÇA ESTE PEQUENO TESTE

Note alguns sinais que indicam que as Redes Sociais estão a afastar as pessoas de Deus. Numa escala de prioridades, o tempo para Deus vem primeiro do que o meu tempo para as Redes Sociais. Portanto, se alguém navega nas Redes Sociais, mas não tem tempo para orar e para ler a Bíblia, está a colocar a sua vida espiritual em risco. Este é um grande sinal de alerta que deve ser notado. Se não temos tempo para as práticas espirituais (como a oração, a leitura da Bíblia, a audição de um sermão ou de música sacra), mas temos tempo suficiente para aceder às Redes Sociais, estamos a incorrer num sério risco espiritual. De facto, este é um bom termómetro para medir a minha falta de interesse por Deus.

Quando se encontra na igreja, o seu telemóvel fica ligado ou desligado? Fica ligado à Internet e a indicar cada mensagem que recebe? Deixar o telemóvel ligado às Redes Sociais durante o culto é um sinal evidente de que a mensagem de Deus que está a ser pregada é menos importante para si do que as mensagens oriundas das Redes Sociais. Isso vale também para o momento da oração, da leitura da Bíblia e do culto em família. Pessoalmente, não concordo que se peça aos crentes para desligarem o telemóvel na igreja, por uma simples razão: o aparelho é útil para muitas situações. Ele pode



ser usado para se ler a Bíblia através de uma aplicação; para se acompanhar os hinos; ou até mesmo para se informar alguém sobre aquilo que se está a passar no momento do culto.

Ouvi de um Pastor a história seguinte. Foi pedido a todos os presentes que desligassem o telemóvel na hora do culto e todos o fizeram, exceto uma jovem que estava sentada no canto da igreja. A rapariga teimava em ficar de cabeça baixa, a escrever no telemóvel, sem sequer olhar para o pregador. No fim do culto, todos se levantaram para sair e ela continuava a escrever. Quando alguém da igreja foi falar com a jovem, ela levantou a cabeça. Estava a chorar, muito emocionada. Desculpou-se, dizendo: “Perdoe-me, mas não podia parar de escrever. Eu tenho uma amiga que não pôde estar presente e que precisava muito de ouvir esta pregação. Ela está muito emocionada e tomou várias decisões importantes para a sua vida.”

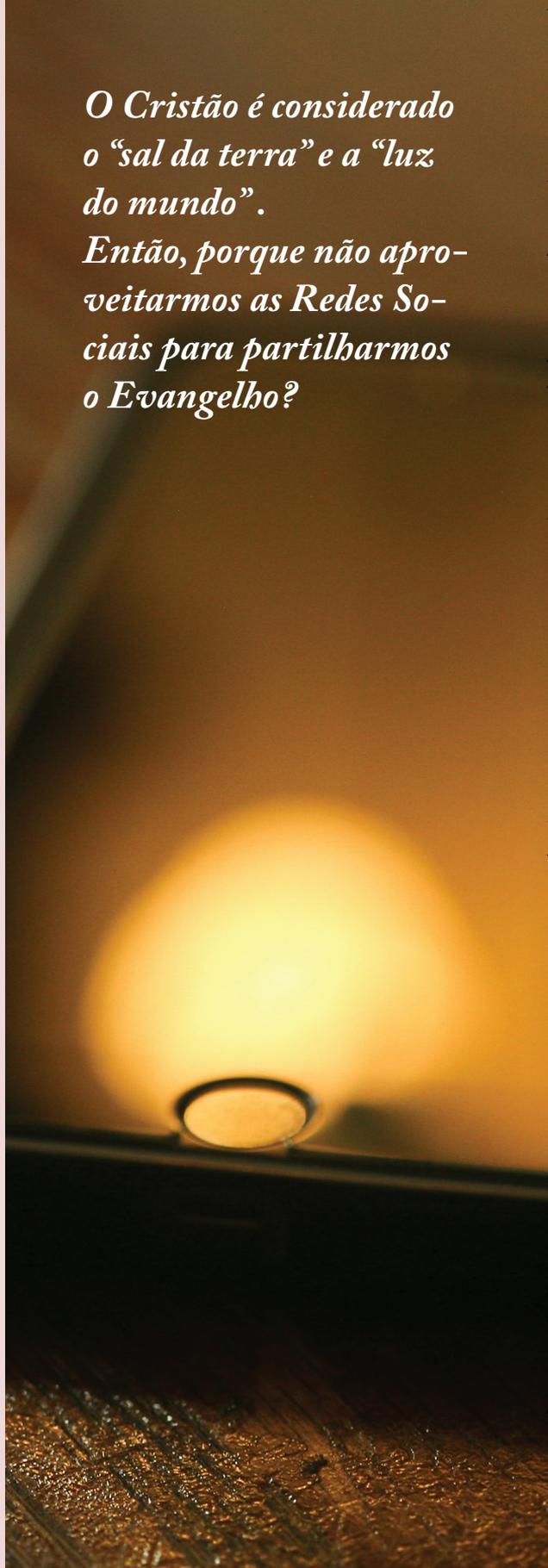
O Cristão é considerado o “sal da terra” e a “luz do mundo”, pelo que, se o mau uso das Redes Sociais interfere nas nossas obrigações como servos de Deus, é aconselhável a reavaliação do seu uso. Nas Redes Sociais, as pessoas têm a tendência de dizer e de fazer coisas que pessoalmente não teriam a coragem de realizar. As pessoas desinibem-se mais e algumas caem no extremo de expor o seu corpo, o seu casamento e as suas fraquezas pessoais. E, uma vez feito isto, perde-se toda a força moral para se testemunhar de Cristo. Ora, se evitamos testemunhar da nossa fé também nas Redes Sociais, passamos a negligenciar a missão para a qual fomos chamados.

O Leitor age como um viciado nas Redes Sociais? Alguns vícios são facilmente identificados, como no caso do vício de fumar, de beber ou de consumir drogas. Mas, algumas pessoas veem a sua vida destruída pelo vício das Redes Sociais. Considere alguns dos sintomas de um viciado nas Redes Sociais: acordar a meio da noite para ver notificações; não frequentar lugares que não tenham *wi-fi*; nunca desligar o telemóvel; raramente conversar com os membros da família; viver isolado; ter crises de ansiedade quando fica longe do aparelho por algum tempo. O mau uso das Redes Sociais pode destruir o relacionamento com a família e com os amigos; atrapalhar os estudos e o trabalho; e, pior do que tudo, separar a pessoa de Deus.

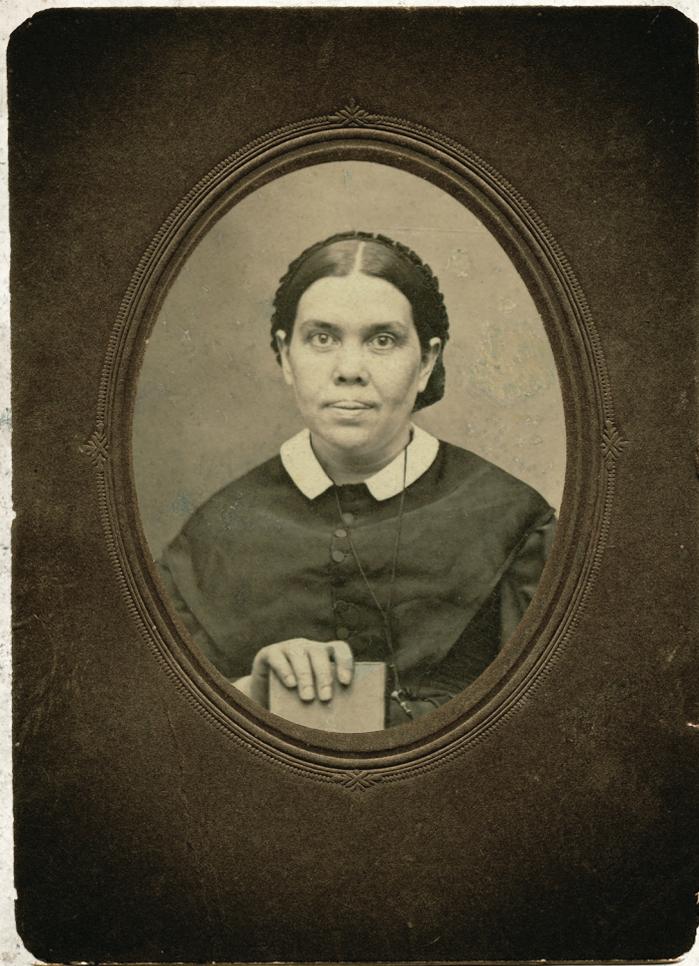
O Salmista disse: “Não porei coisa má diante dos meus olhos: aborreço as ações daqueles que se desviam; nada se me pegará” (Salmo 101:3). Jesus disse: “Portanto, se o teu olho direito te escandalizar, arranca-o e atira-o para longe de ti; pois te é melhor que se perca um dos teus membros do que seja todo o teu corpo lançado no inferno” (Mateus 5:29). O tempo é um dos bens mas preciosos que temos. Assim, vamos usá-lo de forma sábia, como bons mordomos de Cristo. Vamos utilizar as Redes Sociais para mantermos um relacionamento saudável com as pessoas que amamos e com os novos amigos que fizermos. Vamos exercer uma influência positiva, sendo o bom perfume de Cristo: “Porque para Deus somos o bom perfume de Cristo, nos que se salvam e nos que se perdem” (II Coríntios 2:15)!

O Cristão é considerado o “sal da terra” e a “luz do mundo”.

Então, porque não aproveitarmos as Redes Sociais para partilharmos o Evangelho?



ELLEN G. WHITE ENQUANTO EVANGELISTA EXEMPLAR



Embora a Senhora White seja mais recordada pelo seu ministério profético e público, a sua paixão pelo evangelismo está na base de tudo o que ela fez.



Michael W. Campbell
Pastor

Retirado da revista *Adventist World* de agosto de 2010.

O local era um simples apeadeiro. Era um domingo à tarde de 1884, quando Ellen G. White, juntamente com um grupo de amigos, se encontrou numa pequena estação ferroviária no Deserto de Mojave. O grupo tinha participado recentemente na Assembleia da Conferência Geral. Tinham-se reunido para alugar dois vagões de passageiros, de modo a transportar os

participantes de regresso a Oakland, Califórnia, que era então a sede da obra Adventista na Costa Oeste dos Estados Unidos da América. Dado que a paragem iria durar várias horas, o grupo concebeu um plano para realizar uma reunião evangelística enquanto esperava. O plano era simples. Eles iriam dispersar-se por toda a cidade para executar uma ação relâmpago de propaganda. Em resultado disso, os empregados da estação vieram. O editor do jornal local veio. Várias pessoas vieram de diversos cantos da cidade para ouvir falar aquela mulher, Ellen G. White. De que falou ela a este grupo heterogêneo de pessoas? Ela baseou as suas observações em Mateus 6:25-34, que discorre sobre o conselho de Jesus para que não nos preocupemos.¹

Esta reunião preparada à pressa não era algo fora do comum para Ellen G. White. Ao longo da sua vida, ela falou a pessoas sobre Jesus nas mais diversas circunstâncias. Embora a Senhora White seja mais recordada pelo seu ministério profético e público, a sua paixão pelo evangelismo está na base de tudo o que ela fez. Esta paixão é uma das suas mais persistentes qualidades, tendo surgido aquando da sua conversão e durado toda a sua vida.

A CONVERSÃO DE ELLEN G. WHITE

Uma colega da escola atirou uma pedra que atingiu a jovem Ellen no rosto e provocou uma crise existencial. “Eu desejava ser Cristã e orei pelo perdão dos meus pecados tão bem quanto pude.”² Esta primeira entrega a Cristo, quando ela se encontrava às portas da morte, foi simples. Segundo Merlin

Burt, Diretor do Centro de Pesquisa Adventista, este acontecimento não foi “complicado por questões sobre como viver para Jesus e como lidar com a vida. Quando descobriu que não iria morrer, ela foi levada a dar o passo seguinte no seu processo de



conversão”.³ Mais tarde, Ellen teve dois sonhos, que a levaram novamente a interrogar-se sobre a sua experiência religiosa.⁴ Foi após o segundo sonho que ela confidenciou o medo que sentia à sua mãe, que a levou a Levi Stockman, um jovem Pastor Metodista. Durante os poucos minutos que passou junto dele, ela obteve “mais conhecimento sobre o assunto do amor de Deus e da Sua compassiva ternura,

do que de todos os sermões e exortações que já ouvira”.⁵

Pouco depois, Ellen G. White tornou-se numa evangelista apaixonada. Ela passou a sentir “a certeza da presença interior de um Salvador”, que lhe permitiu até “louvar Deus



pela sua má fortuna” que tanto a tinha traumatizado.⁶ Sendo, por natureza, uma pessoa tímida, ela ousou orar em público pela primeira vez. Ellen, numa experiência partilhada por outros Americanos contemporâneos durante o Segundo Grande Reavivamento, testemunhou publicamente acerca da sua experiência e do seu desejo de partilhar a sua fé com outros. Começou a marcar encontros com as suas amigas

e orou com elas, até que “todas se converteram a Deus”.⁷

UMA EVANGELISTA PESSOAL

Embora Ellen G. White tenha sido, certamente, uma das mais visíveis evangelistas da Igreja Adventista do Sétimo Dia do seu tempo, ela nunca perdeu de vista a importância de partilhar Jesus individualmente com as pessoas. Numa ocasião, os White estavam a viajar através da campina do Michigan, no verão de 1853. O condutor da carruagem deveria conhecer o caminho, mas perdeu-se. Estava um dia quente – a Senhora White desmaiara duas vezes durante a viagem. Eles tinham viajado sobre “troncos e árvores caídas”. Ellen G. White estava tão sedenta que já se via como uma viajante no deserto prestes a perecer. “Cursos de água fresca”, disse ela mais tarde, “pareciam estar precisamente à minha frente; mas, ao nos aproximarmos, constatámos que eram apenas uma ilusão”. Aquilo que deveria ter sido um pequeno percurso matinal de 30 quilómetros acabou por se transformar numa viagem com a duração de um dia inteiro. Quando finalmente chegaram a uma clareira, encontraram uma cabana de fronteira. A ocupante saudou-os, deu-lhes água e alimentos, e, em breve, todos travaram amizade. Ellen G. White partilhou as suas convicções religiosas com a mulher, incluindo a verdade sobre o Sábado e acerca da Segunda Vinda de Jesus, dando-lhe alguns exemplares de material religioso. Vinte e dois anos mais tarde, Ellen G. White reencontrou esta mesma mulher numa reunião

campal no Michigan. “Ela indagou se eu não me lembrava de ter feito uma visita numa casa de toros de madeira, na floresta, vinte e dois anos antes. Ela oferecera-nos um lanche e eu tinha deixado com eles um livrinho intitulado *Experience and Views*. Ela declarou ter emprestado aquele livro aos vizinhos, ao estabelecerem-se novas famílias ao seu redor, até que o mesmo já se achava todo gasto; ... Ela disse que, quando eu a visitara, falara de Jesus e das belezas do Céu, e que as palavras tinham sido proferidas com tanto fervor que ela ficara encantada, e nunca as esquecera.” Refletindo sobre este evento, Ellen G. White observou que, durante todos aqueles anos, aquela viagem “nos parecia deveras misteriosa, mas ali encontrámos um bom grupo, agora crentes na verdade”.⁸

UMA EVANGELISTA DA PRÓPRIA FAMÍLIA

Poder-se-ia pensar que Ellen G. White tinha sempre sucesso nos seus esforços evangelísticos. Algumas das pessoas mais difíceis que ela procurou alcançar para Deus incluíam os seus familiares. Durante o verão de 1872, James e Ellen G. White visitaram as montanhas do Colorado. Estiveram com eles vários familiares, incluindo uma sobrinha, Mary, que era filha da irmã mais velha de Ellen. Ellen G. White descreveu no seu diário relaxantes passeios na Natureza. Durante uma destas caminhadas, o grupo sentou-se sob algumas árvores, enquanto a tia Ellen lia partes do seu livro *Spiritual Gifts*. A Senhora White registou no seu diário que Mary se mostrava “profundamente interessada”

nas coisas espirituais. Ao terminarem o tempo que passaram juntos, tiveram alguns momentos de oração, durante os quais Mary também orou.

A Senhora White estava tão preocupada com o bem-estar espiritual da



sua sobrinha que não só lhe permitiu ficar com ela, como também a empregou como sua assistente literária, para que ela a ajudasse na sua escrita. Cinco anos após a experiência nas montanhas, ela escreveu a Mary uma carta, pedindo-lhe que entregasse o seu coração a Cristo: “Não desejo controlar-te”, escreveu a tia Ellen, “não desejo impor-te a nossa fé ou forçar-te a crer. Nenhum homem e nenhuma mulher

alcançará a vida eterna, a não ser que a escolha livremente. ... Espero que não me digas o mesmo que me disse a tua mãe acerca de se infringir o Sábado – ela disse-me que ‘iria arriscar-se a fazê-lo’. ... Ainda creio que ela irá aceitar

a verdade, se tu não impedires o seu caminho. Escrevi-te motivada pelo amor e porque não me atrevo a proceder de outra forma”. Infelizmente, não sabemos como reagiu Mary à carta da sua tia, e não há qualquer evidência de que ela tenha alguma vez aceitado a verdade do Sábado.⁹



CONCLUSÃO

Ellen G. White merece ser reconhecida como uma das mais influentes evangelistas da história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Embora seja certamente verdade que o seu ministério profético foi significativo e continua a exercer uma influência considerável no interior do movimento Adventista, o seu ministério estava firmemente enraizado na sua relação pessoal com Jesus Cristo. Ela queria apaixonadamente partilhar Jesus com as pessoas. Inicialmente, ela resistiu à ideia de falar em público, mas o seu desejo de partilhar Jesus venceu a sua hesitação inicial. Quer fosse em público, quer fosse em privado, Ellen G. White era uma evangelista eficaz, porque partilhava Jesus Cristo com aqueles que estavam ao seu redor.

1

Este incidente é recordado em James Nix, *Advent Preaching* (Silver Spring, MD.: NAD Office of Education, 1989). O texto da sua mensagem está registado em *The Advent Review and Sabbath Herald*, 24 de fevereiro de 1885.

2

Ellen G. White, *Spiritual Gifts* (Battle Creek, Mich.: James White, 1860), vol. II, p. 9.

3

Merlin Burt, sumário de palestra, GSEM 534 (12 de maio de 1998), p. 3; Merlin Burt, “Ellen G. Harmon’s Three-Step

Conversion Between 1836 and 1843, and the Harmon Family Methodist Experience”. Trabalho de pesquisa, Universidade Andrews, março de 1998.

4

Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, vol. 1, pp. 23–29.

5

Idem, p. 30.

6

Ellen G. White, *Life Sketches of Ellen G. White* (Mountain View, Calif.: Pacific Press, 1943), p. 39.

7

Ellen G. White, *Vida e Ensinos*, p. 33.

8

Ellen G. White, *Evangelismo*, pp. 448 e 449. Arthur L. White, *Ellen G. White, The Human Interest Story* (Washington, DC: Review and Herald, 1972), pp. 69–71.

9

Ellen G. White, *Diário*, 27 de julho de 1872; *Carta 6*, 1877; Arthur White, *Ellen G. White, The Human Interest Story*, pp. 68 e 69.

TRABALHO EVANGELÍSTICO PARA OS MEMBROS DA IGREJA



Ellen G. White

Mensageira do Senhor

*Retirado de Testemunhos para a Igreja,
vol. 7, pp. 18-24.*

*Aprendam a trabalhar
como Cristo trabalhou.
Unam-se ao Seu exército
de obreiros e façam por
Ele um trabalho fiel.*

Temos uma mensagem do Senhor para levar ao mundo – mensagem que deve ser apresentada na abundante plenitude do poder do Espírito. Vejam os nossos Pastores a necessidade de procurar salvar os perdidos. Apelos diretos devem ser feitos aos não-convertidos. “Porque come o vosso mestre com os publicanos e pecadores?”, perguntaram os Fariseus aos discípulos de Cristo. E o Salvador respondeu: “Eu não vim a chamar os justos, mas os pecadores, ao arrependimento” (Mateus 9:11, 13). Esta é a obra que Ele nos deu. E nunca houve maior necessidade dela do que nos nossos dias.

Deus não confiou aos Pastores o trabalho de pôr em harmonia as igrejas.

Tão depressa se acha aparentemente realizado esse serviço, tem que ser feito de novo. Membros da Igreja que são atendidos e ajudados desse modo tornam-se débeis religiosos. Se nove décimos do esforço que se tem empregado em favor dos que conhecem a verdade tivessem sido empregados em prol dos que nunca a ouviram, quanto maior teria sido o avanço realizado! Deus tem retido as Suas bênçãos porque o Seu povo não tem trabalhado em harmonia com as Suas diretrizes.

Os que já conhecem a verdade tornar-se-ão mais fracos, se os nossos Pastores gastarem com eles o tempo e o talento que deveriam dedicar aos não-convertidos. Em muitas das nossas igrejas nas cidades, o Pastor prega, sábado após sábado, e os membros

continuam a ir à casa de Deus sem palavras para dizer sobre as bênçãos recebidas como resultado das palavras que lhes foram comunicadas. Não trabalham durante a semana, pondo em prática as instruções que lhes foram dadas no sábado. Enquanto os membros da Igreja não fizerem esforços para dar aos outros o auxílio de que necessitam, o resultado será sempre uma grande debilidade espiritual.

O MAIOR AUXÍLIO PARA OS MEMBROS DE IGREJA

O maior auxílio que se pode prestar ao nosso povo é ensiná-lo a trabalhar para Deus e a n'Ele confiar, e não nos Pastores.

Aprendam a trabalhar como Cristo trabalhou. Unam-se ao Seu exército de obreiros e façam por Ele um trabalho fiel.

Ocasões há em que convém fazerem os nossos Pastores, no Sábado, nas nossas igrejas, breves sermões, cheios de vida e do amor de Cristo. Os membros da Igreja não devem, porém, esperar um sermão cada sábado.

Lembre-mo-nos de que somos peregrinos e estrangeiros na Terra, e que buscamos uma pátria melhor, a pátria celestial. Trabalhem com tal fervor e devoção que os pecadores sejam atraídos para Cristo. Os que se uniram ao Senhor em concerto de serviço acham-se sob a obrigação de se unirem a Ele também na grande e sublime obra de salvar almas. Du-

rante a semana, façam os membros da Igreja fielmente a sua parte e, no Sábado, relatem a sua experiência. A reunião será então como alimento em tempo oportuno, comunicando a todos os presentes vida nova e renovado vigor. Ao ver o povo de Deus a grande necessidade de trabalhar como Cristo trabalhou pela conversão de pecadores, os testemunhos por eles apresentados no culto de Sábado estarão cheios de poder. Com alegria, contarão a preciosa experiência que alcançaram no trabalho pelos outros.

PREPARAR E ORGANIZAR OS MEMBROS PARA GANHAREM ALMAS PARA CRISTO

Os nossos Pastores não devem gastar o seu tempo a trabalhar pelos que já aceitaram a verdade. Com o amor de Cristo a arder-lhes no coração, devem pôr-se a ganhar almas para o Salvador. Junto a todas as águas devem eles lançar as sementes da verdade. Um lugar após outro deve ser visitado; uma igreja após outra deve ser estabelecida. Os que se põem do lado da verdade devem ser organizados em igrejas, e, então, deve o Pastor passar a outros campos igualmente importantes.

Logo que seja organizada uma igreja, ponha o Pastor os membros a trabalhar. Eles terão que ser ensinados a trabalhar com êxito.

Dedique o Pastor mais tempo para educar do que para pregar.

Ensine ao nosso povo a maneira de transmitir a outros o conhecimen-

to que recebeu. Se bem que os novos conversos devam ser ensinados a pedir conselho aos mais experientes na obra, devem ao mesmo tempo ser ensinados a não colocar o Pastor no lugar de Deus. Os Pastores são apenas seres humanos, homens rodeados de fraquezas. Cristo é Aquele de Quem devemos esperar direção. “O Verbo se fez carne, e habitou entre nós, ... cheio de graça e de verdade.” “E todos nós recebemos também da sua plenitude, e graça por graça” (João 1:14, 16).

O poder do Evangelho deve sobrevir aos grupos já formados de crentes, habilitando-os para o serviço. Alguns dos novos conversos serão de tal modo cheios do poder de Deus que se porão imediatamente a trabalhar. Trabalharão com tanta diligência que não terão tempo nem vontade de enfraquecer as mãos dos seus irmãos com críticas descorteses. O seu único desejo será levarem a verdade às regiões que lhes estão à frente.

O Senhor apresentou-me a obra que deve ser feita nas nossas cidades. Os crentes nessas cidades podem trabalhar por Deus na vizinhança dos seus lares. Devem trabalhar calmamente e com humildade, levando consigo, aonde quer que forem, a atmosfera do Céu. Se deixarem fora de vista o próprio eu, apontando sempre para Cristo, será então sentido o poder da sua influência.

Quando o obreiro se entrega sem reservas ao serviço do Senhor, ganha uma experiência que o habilita para trabalhar para o seu Mestre com êxito cada vez maior. A influência que o atraiu a Cristo ajuda-o a atrair outros. Poderá nunca ser-lhe confiada a obra

de orador público, mas nem por isso deixa de ser ministro de Deus; e a sua obra testifica ser ele nascido de Deus.

EVANGELISMO PELOS MINISTÉRIOS PESSOAIS

Não é o desígnio do Senhor que se deixe aos Pastores a maior parte da obra de semear a semente da verdade.

Homens que não são chamados para o Ministério devem ser animados a trabalhar pelo Mestre segundo as suas várias habilidades. Centenas de homens e mulheres, agora ociosos, poderiam fazer uma obra digna de aceitação. Levando a verdade à casa dos seus amigos e vizinhos, poderiam fazer uma grande obra para o Mestre. Deus não faz aceção de pessoas. Ele usa Cristãos humildes e dedicados, mesmo que não tenham recebido instrução tão completa quanto outros. Empenhem-se no serviço para Deus, fazendo trabalho de casa em casa. Sentados na intimidade do lar poderão – se forem humildes, discretos e piedosos – fazer mais para satisfazer as reais necessidades das famílias do que faria um Ministro ordenado.

Porque não sentem os crentes preocupação mais profunda, mais fervorosa, pelos que estão afastados de Cristo? Porque não se reúnem dois ou três e instam com Deus pela salvação de determinada pessoa, e, em seguida, oram a respeito de outra? Formemos nas nossas igrejas grupos para o serviço. Unam-se vários membros para tra-

balhar como pescadores de homens. Procurem arrebataram almas da corrupção do mundo para a salvadora pureza do amor de Cristo.

PEQUENOS GRUPOS

A formação de Pequenos Grupos como base do esforço cristão foi-me apresentada por Aquele que não pode errar.

Se há na igreja um grande número de membros, convém que se organizem em Pequenos Grupos, a fim de trabalhar não somente pelos membros da própria igreja, mas também pelos incrédulos. Se, num lugar, houver apenas dois ou três que conheçam a verdade, organizem-se num grupo de obreiros. Mantenham indissolúvel o seu laço de união, apegando-se uns aos outros com amor e unidade, animando-se mutuamente para avançar, adquirindo cada qual ânimo e força com o auxílio dos outros. Manifestem eles paciência e longanimidade cristãs, não proferindo palavras precipitadas, mas empregando o talento da palavra, para que se edifiquem uns aos outros na mais santa fé. Trabalhem com amor cristão pelos que se acham fora do redil, esquecendo-se a si mesmos no empenho de ajudar os outros. Ao trabalharem e orarem em nome de Cristo, o seu número aumentará, pois diz o Salvador: “Se dois de vós concordarem na terra acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito por meu Pai, que está nos céus” (Mateus 18:19).

ESTABELECIMENTO EM LUGARES NÃO OCUPADOS

Com humilde confiança em Deus, devem as famílias estabelecer-se nos lugares ainda não ocupados da Sua vinha. Homens e mulheres consagrados são necessários para estar como árvores frutíferas de justiça nos lugares não ocupados da Terra. Como recompensa pelos seus abnegados esforços para semear as sementes da verdade, haverão de segar colheita farta. Ao visitarem uma família após outra, abrindo as Escrituras aos que estão em trevas espirituais, muitos corações serão tocados.

Nos campos em que as condições são tão desfavoráveis e desanimadoras que muitos obreiros se recusam a ir para lá, maiores transformações no sentido do melhoramento poderiam ser efetuadas pelo esforço de abnegados membros leigos. Esses humildes obreiros produzirão muito, pois desenvolvem pacientes e perseverantes esforços, não confiando na capacidade humana, mas em Deus, que lhes concede o Seu favor. A soma de bem que esses obreiros realizam jamais será conhecida neste mundo.

MISSIONÁRIOS POR CONTA PRÓPRIA

Missionários que trabalham por conta própria são muitas vezes muito bem-sucedidos. Começando de modo pequeno e humilde, o seu trabalho amplia-se à medida que prossegue, sob a direção do Espírito de Deus. Comecem dois ou mais, juntos, a fazer trabalho de evangelismo. Talvez não recebam dos que se acham à testa da obra qualquer

incentivo especial quanto a ser-lhes concedido auxílio financeiro; não obstante, prossigam eles, orando, cantando, ensinando, vivendo a verdade. Poderão empenhar-se em colportar e, desse modo, apresentar a verdade a muitas famílias. Ao prosseguirem na sua obra, adquirirão uma abençoada experiência. Sentem-se humildes pela intuição do seu desamparo, mas o Senhor vai à frente deles, e entre ricos e pobres encontram favor e apoio. Até a pobreza desses dedicados missionários é um meio de acesso ao povo. Ao seguirem o seu caminho, são ajudados de muitas maneiras por aqueles a quem levam alimento espiritual. Levam a mensagem que Deus lhes dá, e os seus esforços são coroados de êxito. Serão levados ao conhecimento da verdade muitos que, não fossem esses humildes ensinadores, jamais teriam sido ganhos para Cristo.

Deus chama obreiros para que entrem na seara madura. Deveremos esperar porque a tesouraria está sem recursos, porque escasseia o sustento dos obreiros que já se acham no campo? Vamos prosseguir com fé e Deus estará conosco. A promessa é: “Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará sem dúvida com alegria, trazendo consigo os seus molhos” (Salmo 126:6).

Nada faz tão bem como o êxito. Ele é alcançado através do esforço perseverante, e, assim, a obra progride. Novos campos abrem-se. Muitas almas são levadas ao conhecimento da verdade. Mais fé em Deus é aquilo que é necessário!



Ângela Espírito Santo
Diretora Administrativa



COLÉGIO ADVENTISTA DE SETÚBAL

O Colégio Adventista de Setúbal surgiu há 36 anos, fruto de uma ideia acalentada por alguns membros da igreja de Setúbal e como resultado de uma Escola Cristã de Férias. De facto, foi em julho de 1982, após a realização de uma Escola Cristã de Férias, que alguns dos pais das crianças que tinham frequentado este programa oferecido pela igreja manifestaram o seu desejo de haver uma continuidade do ensino dos princípios bíblicos e também ao nível da escolaridade obrigatória.

Estudou-se a viabilidade de uma escola em regime de Ocupação de Tempos Livres (OTL), e, quanto ao ensino básico, pensou-se no regime de Ensino

Individual, uma vez que não possuíamos ainda alvará para uma escola.

Após a aprovação da igreja local, o assunto foi levado à UPASD, que deu o seu parecer favorável e, assim, em setembro de 1982, no rés-do-chão das instalações da igreja de Setúbal, a escola abriu as suas portas com apenas dois alunos. A notícia espalhou-se e o número de alunos foi aumentando, tendo-se terminado este primeiro ano com 28 crianças. Surgiu, entretanto, um pedido de frequência de uma criança que ainda não tinha completado os três anos, o que nos levou a solicitar, junto da Segurança Social, a autorização de funcionamento para Jardim de Infância.

Foram ocorrendo vários contactos e reuniões com as entidades oficiais, tendo sido obtida a autorização de funcionamento para 50 crianças de OTL e 15 de Jardim de Infância, em março de 1987.

Mais tarde, surge a possibilidade de o Jardim de Infância mudar para umas instalações alugadas contíguas à igreja, permitindo que o 1º Ciclo se mantivesse nas instalações da igreja, onde se encontra até hoje. Obtivemos então a autorização definitiva para o funcionamento do 1º Ciclo em dezembro de 1988, com capacidade para 45 alunos, e com subsídio de Contrato Simples. O estabelecimento foi registado no Ministério da Educação e passou a identificar-se com o nome de *Colégio Adventista de Setúbal (CAS)*.

A valência de Jardim de Infância – o *Arco-Íris* –, que funcionava numa casa vizinha, obteve o estatuto de IPSS em outubro de 1992, sendo feito um Acordo de Cooperação para 40 crian-



ças subsidiadas pela Segurança Social. Em maio de 2003, o *Arco-Íris* mudou-se para umas novas instalações, construídas de raiz, seguindo o seu percurso fisicamente separado do CAS.

Atualmente, o CAS tem 36 alunos (do 1º ao 4º anos), dos quais apenas nove são de famílias Adventistas, e conta com duas professoras: uma leciona o 1º e o 2º anos e a outra os 3º e 4º anos. A nossa escola conta ainda com uma auxiliar a tempo inteiro e outra a meio tempo.

Ao longo destes anos de escola de igreja, o CAS tem contribuído claramente para o crescimento e para a projeção do prestígio da igreja local na comunidade setubalense.

Professores e Diretores de outras escolas têm manifestado o seu apreço em receber os nossos alunos, não só pela sua preparação académica, mas também pela sua postura e pelo seu comportamento. Aqui fica o testemunho de uma mãe: “Os valores transmi-

tidos neste colégio são valores-chave, com os quais todas as crianças deveriam ter contacto, talvez assim não houvesse tanta disparidade de comportamentos ao nível das escolas, pois é notória a diferença de educação e de postura entre os alunos deste colégio e os alunos das outras instituições.”¹

Todas as atividades desenvolvidas no CAS têm como objetivo promover o desenvolvimento espiritual, intelectual, físico e social de cada criança, incentivando-se a formação de um caráter semelhante ao do Criador.

O dia-a-dia do CAS é caracterizado, essencialmente, por um ambiente familiar, de confiança, respeito e partilha. Todas as manhãs, iniciamos as nossas atividades com uma meditação em conjunto, que abrange as quatro turmas, cantando e louvando o nosso Deus. Temos uma escala de oração, e, a cada semana, oramos especificamente por um aluno e pela respetiva família,

O dia-a-dia do CAS é caracterizado, essencialmente, por um ambiente familiar, de confiança, respeito e partilha.

facto muito apreciado por estes, por sentirem que, naquela semana, toda a escola está em oração por eles. Uma vez por semana, temos a visita do Pastor da igreja, que leciona as aulas de Bíblia. Uma vez por ano, temos uma semana especial, a Semana de Oração, de muito agrado para todos, que se realiza no salão de culto da igreja.

Somos igualmente uma escola preocupada com o ambiente, desenvolvendo atividades no âmbito do projeto Eco-Escolas. Promovemos uma atitude de serviço ao próximo, envolvendo-nos em campanhas de solidariedade, no Dia do Pijama (atividade que visa sensibilizar toda a comunidade para o facto de que cada criança tem o direito de crescer numa família), na recolha de alimentos, roupas, brinquedos e livros. Ao longo do ano, envolvemo-nos também nos vários projetos divulgados pela igreja, como o projeto do Livro Missionário, as campanhas da ADRA, *workshops* de culinária, programas de saúde, Escola Cristã de Férias e o Dia da Educação Adventista. Temos ainda um forte elo de ligação com as atividades JA, pois cerca de 25% das crianças que frequentam o Clube de Tições são alunos do colégio ou são amigos destes. Por vezes, há também irmãos mais novos ou mais velhos dos nossos alunos que chegam a frequentar outras classes

dos Clubes JA. Assim, como escreveu Ellen G. White: “Quando devidamente dirigidas, as escolas de igreja serão o meio de erguer o estandarte da verdade nos lugares em que funcionam; pois as crianças que receberem educação cristã, serão testemunhas de Cristo.”²

O nosso grande projeto, pelo qual sonhamos e lutamos há muitos anos, é conseguirmos construir um novo colégio, proporcionando às crianças e ao pessoal condições mais dignas e adequadas às necessidades atuais. Em breve, este sonho será alcançado, pois já foi adquirido um terreno junto ao edifício onde se encontra o *Arco-Íris*, pelo que resta-nos agora iniciar a construção. Agradecemos à Divisão Inter-Europeia e à UPASD por possibilitarem a realização deste sonho.

Neste percurso de 36 anos de existência, são inumeráveis as bênçãos que temos recebido do nosso grandioso Deus. Ele tem permitido que, ano após ano, esta escolinha pequenina, de fracos recursos, de condições físicas inadequadas, comparativamente com os vários colégios existentes na cidade, se mantenha com a sua “chama acesa”.

O nosso agradecimento, primeiramente, a Deus, como Mantenedor de todas as coisas; à igreja de Setúbal, que sempre apoiou este projeto de Educação; e a toda a equipa, que diariamente se dedica a esta missão que nos foi confiada de “Educar para a Eternidade”.

¹

Resultado de um inquérito feito aos Encarregados de Educação (no Processo de Acreditação da REASD, em 2016).

²

Ellen G. White, *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, p. 176.

A MÃO DE DEUS



João Faustino
*Diretor Financeiro
da Publicadora SerVir*

Estávamos no final do ano de 1999, quando o então Presidente da UPASD, numa reunião nas antigas instalações da União, na igreja de Lisboa-Central, me pediu para que fosse viver e trabalhar para o Norte do país, mais concretamente para o LapiNorte. Sentados à sua frente, eu e a minha mulher fomos apanhados completamente de surpresa. Quando saímos, estávamos em silêncio, pois nunca tinha passado pela minha cabeça que uma coisa assim nos viesse a acontecer. Na realidade, tínhamos marcado esta reunião para informar a Administração de que eu iria iniciar os meus estudos superiores em Santarém, e saímos com uma proposta que mudaria para sempre, e por completo, a nossa vida.

Ficámos de pensar sobre a proposta que nos tinha sido apresentada, e, nos dias que se seguiram, eu, mais pragmático, fiz contas à nossa vida. Tínhamos dois filhos pequenos: o Nuno tinha oito anos e a Isabel três. Tínhamos acabado de comprar a nossa primeira casa. Estávamos estáveis

no nosso trabalho e bem integrados na sociedade e na Igreja. Pensava eu que iria viver para sempre em Salvaterra de Magos e trabalhar como contabilista no LapiSul. Alguns dias se passaram, e eu não deixava de pensar no assunto, até que, um dia (lembro-me como se fosse hoje!), estávamos sentados no jardim do LapiSul, à sombra da palmeira que lá existia, e a Lena, muito mais sólida na fé, muito mais madura nas vivências, disse-me: “Vamos, João! Se essa é a vontade de Deus para a nossa vida, e se Deus nos mostra este caminho, apenas nos resta deixarmos-nos conduzir por Ele.”

Aparentemente, tínhamos deixado para trás toda a nossa vida. Avançávamos para o desconhecido, sem saber o que iríamos encontrar. Seria bem mais fácil ficar onde estávamos e manter a nossa vida estável. A realidade é que Deus estava a dar-nos, sem que o soubéssemos, a oportunidade de construir algo ainda melhor. Durante os anos que estivemos no Norte, tivemos oportunidades que não teríamos, se tivéssemos ficado no LapiSul. Estudámos, vivemos experiências que nunca mais esqueceremos, abrimos os nossos horizontes e aprendemos a confiar.

Na superação deste desafio, e de todos os que a ele se sucederam, temos sentido sempre a mão de Deus na nossa vida. Temos, por isso, a certeza de que, quando seguimos a Sua vontade, seguimos pelo caminho certo!



SAMUEL, O PEQUENO PROFETA



Paula Amorim
*Diretora-Associada da Área
da Família da UPASD para
os Ministérios da Criança*

» VERSÍCULO 3D «

“Derramarei o meu Espírito sobre... vossos filhos e vossas filhas e serão profetas.” [Joel 2:28.]

» HISTÓRIA 3D «

Ao longo da história bíblica, Deus sempre nos falou através dos Seus mensageiros, os profetas. Consegues lembrar-te de alguns dos profetas de Deus?

Lembramo-nos sempre dos mais importantes, mas todos os que escreveram a Bíblia – e aí já temos cerca de 40 pessoas – também foram inspirados pelo Espírito Santo para transmitir a mensagem dada por Deus. Se contarmos todos os outros que não escreveram o texto bíblico, mas que foram citados na Bíblia, descobrimos que muitos mais profetas foram suscitados por Deus. Ainda hoje, quando anunciamos a mensagem bíblica, somos mensageiros inspirados

que preparam pessoas para a salvação, partilhando a mensagem profética da Segunda Vinda de Jesus.

Certamente já ouviste falar de Samuel, o profeta de Deus. O interessante na vida de Samuel é que Deus vai preferir falar-lhe, embora ele fosse jovem, em vez de falar com Eli, o experiente sumo-sacerdote. Recordas-te da história... Samuel tinha sido pedido a Deus pela sua mãe, Ana, que não podia ter filhos. Deus e Ana, juntos, trabalharam para que Samuel fosse um menino sensível à voz de Deus. E depois de ter sido entregue ao serviço no santuário (a casa de Deus), quando era muito pequeno, ele escolheu afastar-se de más influências para obedecer a Deus. Fazia todas as suas pequenas tarefas com um coração voluntário. Foi assim que Deus o chamou três vezes para lhe dar uma mensagem de grande responsabilidade dirigida ao sumo-sacerdote Eli. Apesar de pequeno, Samuel não teve medo. Com coragem, foi sempre fiel à mensagem que Deus lhe confiava.

Também me lembro de uma menina nos Estados Unidos da América, Ellen G. White, a quem Deus deu mensagens especiais para organizar a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Ela ficou conhecida como “mensageira do Senhor”, porque Deus revelou-lhe verdades esquecidas que, ainda hoje, têm que ser anunciadas como a única verdade acerca de Deus e do Seu plano para nos salvar. Hoje, Deus procura da mesma forma meninos e meninas a quem confiar a mensagem da Bíblia. Ele até pode falar-nos pessoalmente, com sonhos ou visões, como fez com Samuel e com Ellen. O mais importante é que tu ouças

as Suas palavras e as anuncies. Assim, seremos mensageiros de Deus!

» **DESCOBRE MAIS** «

O dom de profecia ou o espírito de profecia foi conferido por Deus à Sua Igreja verdadeira. Deus revela e inspira a mensagem bíblica e profética para preservar a verdade no meio do Seu povo ao longo dos tempos. Esta mensagem tem que estar de acordo com a Bíblia e, por vezes, anuncia algo sobre tempos futuros com um cumprimento tão exato como o Deus eterno que a inspira. Podes ler que Samuel anunciou, antes de acontecer, a derrota de Israel e a morte trágica de Eli e dos seus filhos desobedientes. A narração desta profecia está em I Samuel 3 e 4.

» **DESENVOLVE SEMPRE** «

Mais perto do nosso tempo, Deus convidou uma menina para anunciar a Sua mensagem profética: Ellen G. White. Quando pequena, foi atingida por uma pedra no nariz, que quase a matou. Nesse decisivo período de tempo, em que esteve entre a vida e a morte, ela entregou a vida a Jesus e serviu-O, anunciando o que Deus lhe revelava. Teve muitas visões, em que Deus lhe comunicava mensagens importantes. Numa dessas visões, ela segurou, durante muito tempo, numa mão levantada, uma Bíblia familiar que pesava oito quilos, mas sem se cansar. Ellen G. White deixou-nos um legado escrito muito importante para melhor conhecermos a Bíblia e a sua mensagem. No sítio www.centrowhite.org.br/visionario-teen podes ler várias revistas onde esta mensagem está adaptada à tua idade.

» DÁ-TE À OBRA «

Faz o teu trabalho de profeta-ajudante de Deus, como Samuel e Ellen. Fala com o teu Pastor e propõe-lhe os teus serviços por um dia. Talvez possas fazer uma visita a um amigo que não tem vindo à igreja. Em casa, com os teus pais, prepara uma mensagem da Bíblia para partilhares. Pode ser um bonito postal com um texto bíblico ou qualquer outro trabalho com a mensagem da Bíblia.

» ATIVIDADES 3D «

Samuel, o pequeno profeta, ajuda no templo (1 Samuel 3). Encontra, no quadro, as palavras sublinhadas no texto:

Samuel nasceu como uma resposta à oração de Ana, que procurava um milagre de Deus na sua vida. Deus ouviu-a e

abençoou-a com um bebé, que ela criou e entregou para servir no templo. Samuel era bem pequeno, mas fazia todas as tarefas com amor e seriedade. Ele amava Deus e aprendeu logo a ler a Bíblia. Procurava em tudo ser um servo de Deus. Ao contrário dos filhos de Eli, ele era obediente e generoso. Logo muito cedo, Deus falou-lhe diretamente mensagens para conduzir o povo. Ainda jovem, Samuel ocupou o lugar de profeta e líder do povo de Deus. Samuel sempre ouviu, obedeceu a e falou de Deus.

A F L U S A L M I E O U S A M U E L H O P C H T P E U P I A
O R A Ç Ã O A B C L M N O R I T L A G M T W E D A S T I N O
V I A J M R U N B E E S P E N F A L A M M F O S T Y A U I
O R I V R E S L A N N R O G J C W A U T P R P O V E J T N F
F E L I C I D A D I W W M H K I T Y A A L M N O T P R O A O A
A M O T E A M O G O G E N E R A T P U O J C O N D U E M D H L
O N I N E U Q E P A E I O U B C D O F G A M O R J K L M N O
B P O V A R S O J A S E R V O J A R D I N A G E M P R O V U
I O B E D U N O B E D I E N T E L M N O P Q S A P O S B O R B O L
B C E N T O P E I A O V O O S O R E N E G E F G H A S P A
L V E S P A A B E L H P R O F E T A P R O F F T I Z A R A
I A R V O R E S J A R D C O N D U Z I R D O U J E U E S P A
A O F T A L M G I K E I O W Y Z M E S M O D O T O R V R O
P A R C I P E N A P O V O O V O D E T O T D E U S M E G A N E E



Colportagem Jovem 2018

28 AGO 2018 ARTUR GUIMARÃES,
DIRETOR DO DEPARTAMENTO DOS
MINISTÉRIOS DAS PUBLICAÇÕES DA UPASD

Durante o mês de julho de 2018, cinco valorosas jovens viveram uma experiência inesquecível na cidade de Espinho e arredores, levando a mensagem eterna a inúmeras famílias através das Publicações. Durante este mês, sob a orientação da colportora Sandra Santos, muitos livros e revistas foram deixados nos lares das pessoas contactadas. Muitas revistas *Sinais dos Tempos* e muitos livros missionários foram oferecidos. É de realçar que, além da experiência de trabalhar em grupo, de desenvolverem a oportunidade do contacto pessoal, de meditarem e orarem juntas, estas jovens também conseguiram amealhar algum dinheiro, que, com certeza, as ajudará na concretização de alguns dos seus objetivos. Melhores do que as minhas palavras são os testemunhos das jovens que participaram:

“Encontrei na Colportagem Jovem uma forma eficaz de aproveitar um mês do meu verão para realizar a missão de forma sustentável. Vivi experiências que contribuíram para que eu aprendesse a comunicar melhor, mas, acima de tudo, aprendi a confiar mais

na providência e no poder do Senhor.”
Alexandra Reis (igreja de Canelas).

“A Colportagem Jovem foi uma experiência única, que vai permanecer para toda a minha vida. Aprendi muitas coisas sobre saúde e sobre técnicas de comunicação.” Sara Pereira (igreja do Cacém).

“Para mim esta experiência, acima de tudo, foi importante porque me aproximou mais de Deus. Aprendi a depender mais d’Ele, tive oportunidade de falar com as pessoas sobre questões relacionadas com a saúde, e com isso aprendi imenso. É uma experiência única.” Aline Fernandes (igreja do Cacém).

“Nunca mais vou esquecer esta experiência. Aprendi coisas novas, fiz amizades, aproximei-me mais de Deus e, no final, fiquei com a certeza de que levei uma palavra de esperança sobre saúde e sobre o amor de Deus.” Miriam Semedo (igreja do Cacém).

“Foi uma excelente oportunidade de fazer novas amizades e de criar fortes laços. Tenho a certeza de que, durante este período, vivi completamente sob a dependência de Deus. Embora algumas vezes chegasse ao fim do dia cansada, Deus dava-me coragem e força, encontrava sempre junto d’Ele o ânimo de que necessitava.” Wilma Vieira (igreja de Vila Nova de Gaia).

Desejamos repetir esta experiência em 2019! Se és jovem, faz planos. Se é mãe ou pai, incentive os seus filhos a participarem, a terem uma experiência concreta com Deus. Ellen G. White, no livro *Colportor Evangelista*, no capítulo 4, escrevendo sobre o trabalho da Colportagem, diz o seguinte: “A Obra é boa, o objetivo sublime e enobrecedor.”



MEET IR 2018 – Jovens Adventistas testemunham em encontro inter-religioso

29 AGO 2018 PAULO SÉRGIO MACEDO,
DEPARTAMENTO DE LIBERDADE RELIGIOSA
E ASSUNTOS PÚBLICOS DA UPASD

Pelo terceiro ano consecutivo realizou-se o MEET IR, encontro inter-religioso de jovens, organizado pela agência governamental Alto Comissariado para as Migrações, desta vez em Castelo Novo, perto do Fundão. Entre 17 e 20 de julho, 19 jovens de oito comunidades religiosas presentes em Portugal tiveram a oportunidade de se conhecer e de realizar atividades de caráter formativo e lúdico em conjunto.

Para além dos momentos de confraternização informal – sempre os mais apreciados –, os jovens participaram em tertúlias e formações sobre a importância da convivência e do convívio entre diferentes comunidades para o bem social; apoiaram jovens do programa governamental “Escolhas”,

através de uma ação de costura criativa; foram recebidos por autoridades autárquicas; e conheceram a história e as tradições do Fundão. No dia 19, um jantar levou dirigentes religiosos das comunidades presentes ao encontro dos jovens, tendo sido presenteados com um programa composto pela apresentação das atividades destes dias e por momentos de talentos dos jovens de cada comunidade.

A delegação dos Adventistas do Sétimo Dia foi formada por Ana Miguel Duarte (igreja do Barreiro), Sara Silva (igreja do Barreiro) e Margarida Xavier (igreja de Lisboa-Central). A sua ação de testemunho foi bastante valorizada, pela sua presença e interação, tendo sido especialmente apreciada o lindo hino que apresentaram ao grupo, repetido no jantar final.

Como habitualmente, é assinada pelos presentes uma Carta Final, em que se declara o valor da paz e do entendimento, mesmo perante a diferença na fé, e se apresentam os benefícios da religião para a sociedade. Esse documento foi apresentado no II Congresso Cidadania e Religião, no dia 3 de outubro, e entregue às autoridades do nosso país.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia agradece ao ACM pela sua ação nesta iniciativa, proporcionando a jovens nossos o conhecimento e o contacto com outras comunidades, bem como a possibilidade de construir novas amizades. Mas, em especial, agradecemos às nossas três representantes, pela vontade de estarem presentes e pelo seu testemunho sobre o amor de Jesus.

Crianças no Zoo de Lisboa

3 SET 2018 | DELMIRA BRÁS,
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
DA IASD DE PÓVOA DE SANTA IRIA

No dia 15 de julho de 2018, as crianças e os jovens das igrejas Adventistas da Póvoa de Santa Iria e de Vila Franca de Xira dirigiram-se ao Jardim Zoológico de Lisboa, no âmbito de uma visita planeada pela diretora do Departamento de Educação e pela monitora da Escola Sabatina do Jardim de Infância.

A ideia de visitar o Jardim Zoológico surgiu numa manhã de Sábado, enquanto as monitoras da classe dos Primários contavam às crianças a famosa história da “Arca de Noé”. As monitoras perceberam rapidamente que algumas daquelas crianças nunca tinham ido ao Zoo. Sabendo das dificuldades financeiras por que muitas famílias têm passado, era imprescindível a igreja contactar o Jardim Zoológico para que se pudesse fazer um desconto.

O Zoo respondeu afirmativamente à proposta, e, assim, pôde-se proporcionar às crianças e aos jovens um dia divertido, mas também de muita aprendizagem. Neste dia, as crianças e os jovens puderam visitar um espaço onde se pode contemplar a maravilhosa Criação do nosso Deus.

Em suma, acredito que tenha sido um dia muito divertido para estas crianças, porque, para além de terem visto ao vivo os seus animais preferidos, também foi um dia onde puderam conviver com outras crianças que partilham os mesmos valores morais e religiosos.



Novo ano letivo no CAOD

17 SET 2018 | A DIREÇÃO DO CAOD

Louvado seja Deus! O novo ano letivo de 2018/2019 já arrancou no CAOD – Colégio Adventista de Oliveira do Douro. O entusiasmo de rever colegas, professores e auxiliares foi contagiante e animou a equipa educativa para mais uma “etapa” do desafio de “Educar para a Eternidade”.

Deus permitiu-nos, no dia 12 de setembro, ter inscritos mais 14 alunos do que no final do último ano letivo. Mas a maior das alegrias é a de termos, no momento, 30 alunos novos que, pela primeira vez, frequentarão o nosso Colégio e que estarão em contacto com as verdades e com os valores bíblicos. Que privilégio e que responsabilidade! Acreditamos que, nos próximos tempos, outros ainda se juntarão a esta “família”.

São muitas as bênçãos que Deus nos dá. A Ele seja dada toda a honra e glória. Que Deus continue ao leme desta Sua instituição e que ajude todos quantos abraçam o importante ministério do ensino a possuírem um “Olhar 3D”, redentor, reconciliador e restaurador.

Ore pela Educação Adventista no CAOD, em Portugal, e no mundo. Faça-o, pois vale a pena conhecer, acreditar e partilhar a verdadeira perspetiva da Educação.

DESCANSOU NO SENHOR

Maria de Lurdes Santos e Alcino da Silva Gomes



9 FEV 2018 EUNICE MENDES ALVES,
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
DA IASD DE OLIVEIRA DO DOURO

Num curto espaço de tempo, a igreja de Oliveira do Douro ficou “mais pequena” e “mais pobre”. Mais pequena em número e em espiritualidade e mais pobre devido à falta de duas presenças assíduas, motivadoras e exemplares. A presença da irmã Maria de Lurdes Santos, com a sua simpatia, exuberância e o seu espírito missionário, e a presença do irmão Alcino da Silva Gomes, com a sua simpatia e serenidade e com o seu serviço missionário.

No dia 30 de maio, com 93 anos, descansou no Senhor a irmã Maria de Lurdes Santos. Batizada na igreja de Luanda, foi uma verdadeira “mãe em Israel”, e sempre deixou sementes de amizade pelas igrejas por onde passou na sua jornada terrena. Era conhecida como “a avozinha”. A toda a sua numerosa família e, de uma forma particular, ao seu filho, Pastor Júlio Carlos Santos, a igreja apresenta

a expressão do seu carinho e da sua solidariedade.

No dia 10 de junho, com a idade de 89 anos, descansou no Senhor o irmão Alcino da Silva Gomes. Batizado na igreja de Paris-Sud, foi um veterano membro da igreja de Oliveira do Douro e um “pai em Israel”. Também extensiva a toda a família, mas de uma forma particular à sua filha, a irmã Fernanda Amélia Santos, a igreja apresenta a expressão da sua profunda amizade.

Lembramos aos enlutados as palavras das Escrituras: “Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor” (Apocalipse 14:13). “Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras” (I Tessalonicenses 4:18).

Mas a igreja não pode permanecer nem “mais pequena” nem “mais pobre”. Seguindo o exemplo de ação missionária destes dois crentes, irá prosseguir com coragem, na certeza de que “Cristo está ao leme” e de que muitas pessoas aceitarão a vida eterna, “onde não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor” (Apocalipse 21:4).



RA
REVISTA
ADVENTISTA

OFEREÇA UMA ASSINATURA! Como assinar? **219 626 200** ou **assinaturas@pservir.pt**

SIM, desejo oferecer uma assinatura da *Revista Adventista*: **1 ANO** [12 EDIÇÕES] = **19,00€** [IVA E PORTES INCLuíDOS]

Desejo receber a visita de um agente comercial

NOME

E-MAIL

LOCALIDADE

NIF

PAGO POR TRANSFERÊNCIA BANCÁRIA AO SANTANDER.
NIB 0018-0000-5087-6696-0010-7

CHEQUE Nº

JUNTO ENVIO CHEQUE NO VALOR DA ASSINATURA,
À ORDEM DE PUBLICADORA SERVIR, S.A.

BANCO

AUTORIZO O TRATAMENTO INFORMÁTICO DOS MEUS DADOS PARA
EFEITOS COMERCIAIS DA PSERVIR COM BASE NA LEI EM VIGOR.

ANEXAR ESTE CUPÃO AO COMPROVATIVO DE PAGAMENTO (A ASSINATURA SERÁ VÁLIDA APÓS COBRANÇA DA MESMA.) E ENVIAR PARA:
PUBLICADORA SERVIR, S. A. – CONTROLO DE ASSINANTES – RUA DA SERRA, Nº 1 – SABUGO – 2715-398 ALMARGEM DO BISPO.

DADOS PARA FATURAÇÃO

DADOS DO OFERTANTE

Envolva-se na Missão!

Leve a “Palavra de Esperança” aos seus familiares e amigos, ou desconhecidos. Faça já o seu compromisso. Deus conta consigo, agora!



RA
REVISTA
ADVENTISTA

GOSTOU DA LEITURA DA RA? DÊ O SEU TESTEMUNHO, OFERECENDO UMA ASSINATURA. BENEFICIE ALGUÉM COM ESTA OFERTA ENRIQUECEDORA E RECOMPENSADORA!

Como assinar? 219 626 200 ou assinaturas@pservir.pt

NOME

MORADA

CÓDIGO-POSTAL

LOCALIDADE

E-MAIL

CONTACTO

PREENCHA OS DADOS DO OFERTANTE NO VERSO DO CUPÃO.

DADOS DO ASSINANTE